

Estudo de caso:

Estágio supervisionado na Diretoria de Ensino de São Carlos

Boas práticas e aprendizados

COMEÇAR



Agosto
2023

REALIZAÇÃO:



Profissão
docente

Sobre o Movimento Profissão Docente

Somos uma coalizão de organizações do terceiro setor e acreditamos que os professores transformam a educação atuando em seu pleno potencial.

Trabalhamos de maneira suprapartidária e pautados por evidências e experiências bem-sucedidas, apoiando governos de todo o país na construção de políticas docentes que possam garantir que todo estudante tenha professores bem preparados, motivados e com boas condições de trabalho.

Há muitos caminhos para transformar a educação, todos eles passam pelos professores!

Conheça mais sobre a nossa agenda em profissaodocente.org.br.

Coordenador-Geral

Haroldo Rocha

Coordenador-Executivo

Caetano Siqueira

Líder de Desenvolvimento Profissional

Maria Cecília Gomes

Líder de Formação

Camila Naufel

Pesquisadora

Juliana Gomes de Souza

Revisão

Camila Naufel

Marcia Giupatto

Maria Julia Lima

Diagramação

Julio Claudius Giraldes Junior



O Movimento é promovido por

instituto
península

FUNDAÇÃO
Lemann

Itaú Social

instituto
natura

INSTITUTO
UNIBANCO

TODOS
PELA
EDUCAÇÃO

Fundação
Telefônica
vivo

Sumário

Apresentação	4
1. Introdução	5
2. São Carlos e a Diretoria de Ensino Estadual	8
3. O Estágio Supervisionado em São Carlos	12
3.1 Como o estágio supervisionado era desenvolvido e quais as motivações para qualificar o processo	13
3.2 O objetivo da iniciativa e a visão do estágio supervisionado na DE de São Carlos	15
3.3 Passo a passo da iniciativa empreendida pela DE.	16
3.3.1 - <i>Elaboração do protocolo do estágio supervisionado: atendimento e encaminhamento dos estagiários</i>	18
3.3.2 - <i>Reunião com professores de estágio das IES</i>	19
3.3.3 - <i>Chamamento das escolas - Reunião com diretores das escolas</i>	20
3.3.4 - <i>Formação da equipe gestora das escolas (diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos)</i>	20
3.3.5 - <i>Execução do protocolo</i>	28
3.3.6 - <i>Monitoramento e avaliação</i>	34
3.4 O estágio supervisionado na prática	37
3.5 Estratégias de engajamento, articulação e suporte	44
3.6 Desafios da iniciativa e próximos passos.	47
4. Conclusão	52
5. Referências	54

Apresentação

Caro(a) leitor(a),

Para o Profissão Docente foi um grande privilégio poder conduzir este trabalho excepcional, inspirador e enriquecedor. Ele materializa uma política de sucesso e que tem contribuído significativamente para o desenvolvimento de futuros professores. Por isso, primeiramente, gostaria de expressar minha mais profunda gratidão à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP), que, por meio da Diretoria de Ensino de São Carlos, nos concedeu a oportunidade de desenvolver este material.

Através deste documento, pudemos testemunhar em primeira mão a dedicação dos profissionais da educação em São Carlos, que se empenham incansavelmente não apenas para garantir um ensino de excelência aos estudantes da rede, como também para proporcionar aos futuros professores as mais diversas possibilidades de aprendizado prático e imersivo no ambiente escolar.

Gostaria de destacar ainda a atuação da dirigente Débora Blanco, cuja liderança e cujo apoio foram fundamentais para o sucesso deste documento. Sua visão e dedicação exemplares são um verdadeiro modelo a ser seguido, não apenas em São Carlos, mas em todo o sistema educacional.

Em nome do Movimento Profissão Docente, desejo que o conhecimento destacado neste material alcance diversos educadores e estudantes, para que possam se beneficiar das valiosas lições aprendidas e das melhores práticas identificadas. O trabalho realizado em São Carlos merece ser reconhecido e compartilhado como um modelo de excelência em estágio obrigatório de licenciaturas.

Mais uma vez, expresso minha profunda gratidão a todos os membros da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e, em particular, à querida Débora Blanco. Espero que continuem a liderar e inspirar outros a alcançar novos patamares na educação.

Haroldo Corrêa Rocha

Coordenador-geral do Movimento Profissão Docente

1. Introdução



A formação inicial de professores é um tema discutido em diversos âmbitos: acadêmico, o das políticas públicas, o do terceiro setor, entre outros. Contudo, há diversas formas de se pensar a formação docente, como Barbara Born e Márcia Haussressaltam:

Como bem destacam Bransford, Darling-Hammond e LePage [...], não existe um único jeito certo de formar professores. Todavia, existem práticas comuns associadas com a efetividade docente que estão ancoradas numa compreensão compartilhada daquilo que é capaz de promover a aprendizagem das crianças. (Born & Hauss, 2022)

Atualmente, a formação para os futuros docentes (Instituto Península e Profissão Docente, 2019) é alinhada à corrente cognitivista de formação de professores, que tem como foco principal fornecer grande quantidade de informação, com ênfase em acumular um repertório teórico robusto, contudo sem necessariamente esclarecer como aplicá-lo em contextos diversos. Tornar a formação de professores no Brasil inovadora significa caminhar em direção a pesquisas recentes, publicadas nas últimas três décadas, que indicam a corrente da formação centrada na prática, a qual sugere que o acúmulo de conhecimentos precisa estar orientado para a prática profissional e, principalmente emergir, dela.

É nesse contexto, da prática como central na formação dos futuros professores, que esta pesquisa se insere. Dessa forma, entende-se que o estágio supervisionado, realizado durante a graduação dos licenciandos, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de habilidades e competências específicas da profissão de professor. Se ofertadas experiências de campo bem desenhadas e alinhadas à vertente da formação centrada na prática, oportunizam-se formações de futuros professores mais capazes de criar ambientes de aprendizagem de excelência para crianças e jovens (Born & Hauss, 2022).

Assim, a presente pesquisa buscou reunir boas práticas e aprendizados, bem como relatar a implementação da iniciativa liderada pela Diretoria de Ensino de São Carlos na organização do estágio supervisionado das escolas públicas estaduais. A pesquisa é uma iniciativa da organização sem fins lucrativos Movimento Profissão Docente, em parceria com a Diretoria de Ensino de São Carlos, e foi elaborada pela pesquisadora Juliana Gomes de Souza, estudante de mestrado sobre aprendizagem de adultos e lideranças, no Teachers College, na Universidade de Columbia.

O documento destina-se a gestores públicos estaduais, municipais ou servidores que trabalhem em regionais de ensino, além de Instituições de Ensino Superior (IES), incluindo a coordenação e o corpo docente dos cursos de licenciaturas e pedagogia. O principal objetivo deste documento, portanto, é inspirar redes municipais, estaduais e IES na organização de programas de estágio supervisionado que articulem e aproximem cada vez mais a escola e o ensino superior, como um dos mecanismos para qualificar a formação inicial dos professores.

Para esta pesquisa, a principal metodologia utilizada na coleta de informações foi a de entrevista semiestruturada, na qual foram elaborados roteiros de perguntas para os seguintes atores: professor supervisor de estágio na Instituição de Ensino Superior (IES), professor regente da unidade escolar,

coordenador pedagógico da unidade escolar, diretor da unidade escolar, licenciando que cursou recentemente estágio em escola estadual localizada na Diretoria de Ensino (DE) de São Carlos, dirigente da DE e servidores que trabalham na DE com a iniciativa do estágio. Além de entrevista semiestruturada, outras informações foram coletadas por meio de *desk research* e leitura e análise de documentos oficiais enviados pela Diretoria de Ensino. Dentre os atores entrevistados, tivemos quatro atores da DE de São Carlos, três professoras supervisoras de estágio, duas de universidade pública e uma de instituição privada, três licenciandos que realizaram estágio recentemente nas escolas da DE, uma diretora de escola, uma coordenadora de escola e um professor regente de estágio da escola:

1. *Débora Blanco, Dirigente da Diretoria de Ensino de São Carlos*
2. *Sônia Mercedes Antunes Silva, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos*
3. *Ângela do Carmo Paula Gomes, Supervisora de Ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos*
4. *Bruno Turci, Professor Especialista em Currículo (PEC) na Diretoria de Ensino de São Carlos*
5. *Edna Maura Zuffi, professora doutora supervisora de estágio da licenciatura de Matemática na Universidade de São Paulo (USP)*
6. *Isadora Valencise Gregolin, Professora Supervisora de estágio da licenciatura em Letras (Habilitação em português, inglês e espanhol) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)*
7. *Ana Claudia Rebolho, Professora Supervisora de estágio no Centro Universitário Central Paulista (UNICEP)*
8. *Edlara Camargo Cianflone, diretora na Escola Estadual Aracy Leite Pereira Lopes*
9. *Grazielle Alves, Coordenadora de Gestão Pedagógica Geral da escola E.E. Aracy Leite Pereira Lopes*
10. *João Pedro Mardegan Ribeiro, professor na E.E. Aracy Leite Pereira Lopes*
11. *Danilo da Silva Moraes, aluno da licenciatura de Matemática da USP*
12. *João Luiz Moraes Gomes, aluno da licenciatura de Matemática da USP*
13. *Murilo do Nascimento Luiz, aluno da licenciatura de Matemática da Cruzeiro do Sul*

A opção metodológica foi apresentar o contexto social e econômico da cidade de São Carlos, depois o contexto educacional, e, em seguida, aprofundar os processos de organização do estágio supervisionado liderado pela DE. Sobre o último aspecto, buscou-se observar as diferenças entre o estágio antes e depois da intervenção da DE, quais foram as etapas para estruturar o estágio como ele é hoje, as responsabilidades de cada ator envolvido, as relações entre escola, DE e IES, e como o estágio impacta a escola e a formação dos futuros professores.

Esperamos que este documento possa inspirar e ser uma referência de boas práticas e aprendizados em direção à valorização da disciplina do estágio, assim como da própria profissão docente, e fortaleça a visão de que a formação do futuro professor é uma corresponsabilização não apenas da IES, mas da escola e do poder público também. Boa leitura!

2. São Carlos e a Diretoria de Ensino Estadual



Com relação à educação, segundo o IBGE, a taxa de escolarização da população com idade de seis a catorze anos é de 97,9%. Já de acordo com o Inep³, a cidade conta com mais de 27 mil estudantes matriculados nas escolas públicas, distribuídos em sessenta escolas municipais e 37 escolas estaduais. Os resultados de aprendizagem e dados de fluxo escolar para os anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio dos estudantes da rede pública estadual seguem abaixo:

Figura 3. Ideb - Anos iniciais ensino fundamental

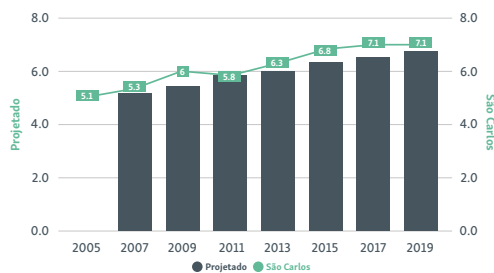
$$\begin{matrix} \text{Aprendizado} \\ \mathbf{7,15} \end{matrix} \times \begin{matrix} \text{Fluxo} \\ \mathbf{0,99} \end{matrix} = \begin{matrix} \text{IDEB} \\ \mathbf{7,1} \end{matrix}$$

Quanto maiores as notas,
maior o aprendizado

Quanto maior o valor,
maior a aprovação

Meta 6,8

Evolução do Ideb



Fontes: Ideb 2019, Inep

Figura 4. Ideb - Anos finais ensino fundamental

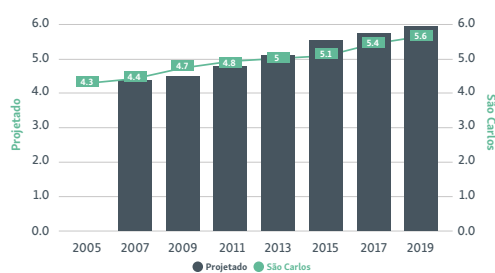
$$\begin{matrix} \text{Aprendizado} \\ \mathbf{5,58} \end{matrix} \times \begin{matrix} \text{Fluxo} \\ \mathbf{1} \end{matrix} = \begin{matrix} \text{Ideb} \\ \mathbf{5,6} \end{matrix}$$

Quanto maiores as notas,
maior o aprendizado

Quanto maior o valor,
maior a aprovação

Meta 5,9

Evolução do Ideb



Fontes: Ideb 2019, Inep

Figura 5. Ideb - Ensino médio

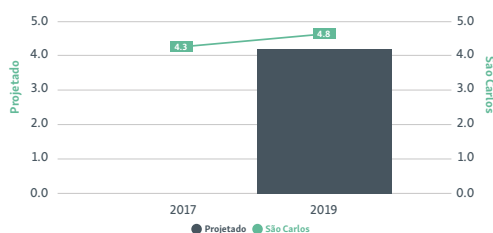
$$\begin{matrix} \text{Aprendizado} \\ \mathbf{4,86} \end{matrix} \times \begin{matrix} \text{Fluxo} \\ \mathbf{0,8} \end{matrix} = \begin{matrix} \text{Ideb} \\ \mathbf{4,8} \end{matrix}$$

Quanto maiores as notas,
maior o aprendizado

Quanto maior o valor,
maior a aprovação

Meta 4,5

Evolução do Ideb



Fontes: Ideb 2019, Inep

Para todas as etapas avaliadas pelo Saeb, o Ideb de São Carlos é maior do que a média do estado de São Paulo, como podemos observar na tabela a seguir. Contudo, o fluxo para ensino médio está abaixo da média estadual, o que chama atenção.

³ Dados coletados em 2019 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

⁴ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Figura 6. Tabela de resultados de aprendizagem, fluxo e Ideb em São Paulo e São Carlos (Inep, 2019)

	Fluxo	ApreIdebizagem	Ideb
São Carlos AI ⁵	0,99	7,15	7,1
São Carlos AF ⁶	1,00	5,58	5,6
São Carlos EM ⁷	0,80	4,86	4,8
São Paulo (Estado) AI	0,99	6,66	6,6
São Paulo (Estado) AF	0,96	5,39	5,2
São Paulo (Estado) EM	0,91	4,71	4,3

Não obstante, a Diretoria de Ensino de São Carlos envolve outros municípios que não só São Carlos. São eles: Corumbataí, Dourado, Ibaté, Itirapina e Ribeirão Bonito. Isso configura um total de 46 escolas estaduais sob supervisão da Diretoria, das quais 37,8% estão localizadas no município de São Carlos. Apresentamos a tabela a seguir com os dados de aprendizagem, fluxo e Ideb de 2019, segundo o Inep das escolas estaduais localizadas nos demais municípios:

Figura 7. Tabela de resultados de aprendizagem, fluxo e Ideb em outros municípios (Inep, 2019)

Município	Fluxo	Aprendizagem	Ideb
Corumbataí EM	0,99	4,46	4,4
Dourado AF	0,99	5,07	5,0
Dourado EM	0,99	4,9	4,9
Ibaté AF	0,99	5,57	5,5
Ibaté EM	0,97	4,86	4,7
Itirapina AF	1,00	5,11	5,1
Itirapina EM	0,98	4,94	4,9
Ribeirão Bonito EM	0,84	4,61	3,9

5 Anos iniciais do ensino fundamental.

6 Anos finais do ensino fundamental.

7 Ensino médio.

3. O Estágio Supervisionado em São Carlos



3.1 Como o estágio supervisionado era desenvolvido e quais as motivações para qualificar o processo

Os estudantes das licenciaturas, seja pedagogia, seja componente curricular específico, devem completar quatrocentas horas de estágio presencial na escola, segundo a Resolução CP/CNE nº 2/2019. Este é o momento em que os licenciandos têm a oportunidade de ambientar-se com seu futuro trabalho e, principalmente, aprender sobre a prática docente e exercitá-la à luz das teorias aprendidas na universidade, compreendendo que a prática de ensinar é parte do processo de aprendizagem e não algo que acontece após o término da graduação (Lampert, 2010, apud Born & Hauss, 2022).

O período do estágio geralmente é um momento pouco explorado enquanto espaço para aprendizagem da prática profissional docente. Por diversas vezes, o licenciando assume um papel passivo de observador da prática do professor da escola, sem oportunidades para experimentar e praticar as teorias aprendidas nas disciplinas das licenciaturas. Há situações em que o estágio deixa de ser um momento privilegiado de aprendizagem prática e passa a ser compreendido como um momento completamente pró-forma. Opta-se, por conveniência, pelo não cumprimento da carga horária total, abrindo-se mão dessa rica e importante experiência para apenas proceder burocraticamente realizando observações seguidas da assinatura pela equipe gestora da unidade escolar. Conforme Gatti (2014, p. 40):

[...] As observações largamente difundidas sobre o funcionamento das licenciaturas e estudos específicos publicados nos autorizam a sugerir que a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, os estudantes procuram por conta própria as escolas, sem plano de trabalho e sem articulação entre instituição de ensino superior e escolas, e sua supervisão acaba tendo um caráter mais genérico, ou apenas burocrático, muitas vezes, em função do número de licenciandos a serem supervisionados por um só docente da instituição de ensino superior. Esses estágios acabam não se constituindo em práticas efetivas e fonte de reflexão sobre ações pedagógicas para os estagiários. Sobre a orientação e a validação deles, não se encontra, na grande maioria dos casos, referência clara. Os efeitos desse descaso com os estágios supervisionados precisam ser considerados sob uma perspectiva ética e moral [...].

Além disso, a chegada do estagiário à escola, muitas vezes, ainda é vista como pouco vantajosa para os professores e coordenadores da instituição que o recebe. Segundo diversos relatos das entrevistas realizadas para esta pesquisa, receber o futuro professor na escola acabou se tornando sinônimo de “mais trabalho”, em que a escola e o professor regente precisam dispor de espaço e, sobretudo, tempo para receber o estagiário e realizar o acompanhamento intencional e formativo do estágio. O

estagiário acaba se tornando mais um peso para as escolas, as quais já têm demasiado trabalho, do que um apoio para somar. Um relato que ilustra esse cenário:

Na época em que eu estagiei, em 2012/2013, a visão que a escola tinha dos estagiários era muito diferente do que a gente tem hoje. Muitos professores enxergavam os estagiários como “fiscais” do seu trabalho. E tinha muita resistência dos professores da sala de aula em receber os estagiários porque a dinâmica era um pouco diferente, então muitos não aceitavam. Ao longo desses últimos anos, a Diretoria de Ensino tem insistido bastante na formação da gestão para abrir os olhos e enxergar o estagiário de um jeito diferente: como um colaborador e não como um fiscal. Quando os professores abrem as portas da sala de aula para o estagiários é justamente para oportunizar essa vivência, e não para o estagiário ficar anotando o que o professor faz ou não faz de errado. É mais para que o aluno da licenciatura vivencie e faça essa transição do olhar do aluno para o olhar do professor.

(Grazielle Alves, coordenadora de gestão pedagógica geral da escola E.E. Aracy Leite Pereira Lopes)

Complementando essa visão, um artigo publicado na revista *Entrever*, em 2011, fruto de um estudo realizado pelas pesquisadoras Giselle de Souza Paula Pires e Suzani Cassiani, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sobre estágio curricular, destaca, no discurso dos próprios professores da educação básica, o entendimento dos docentes quanto ao papel das instituições e de seus profissionais na formação de professores.

Todo o processo de formação deve ser feito na Universidade, pois a escola básica, muitas vezes, não possui nem condições físicas e materiais para seu trabalho habitual, quanto mais para a formação de professores; é só dar uma olhadinha aqui - fragmento da fala de uma professora de matemática extraído do texto de Silveira, 2008

(Pires & Cassiani, 2011, p. 192)

Na mesma linha, Lisandra Lisovski e Eduardo Terrazzan afirmam (2006, p. 4, apud Pires & Cassiani, 2011): “As escolas de educação básica também não se veem como uma instituição formadora, corresponsável pela formação dos futuros professores. As escolas não compreendem a importância de suas contribuições para a formação dos estagiários”.

Esse é o cenário em que se encontrava a Diretoria de Ensino de São Carlos havia alguns anos: ausência de compreensão do potencial do estágio na formação do licenciando, falta de corresponsabilização pela formação do futuro professor e um grande desconhecimento sobre a quantidade de licenciandos que buscavam realizar o estágio supervisionado nessa Diretoria, quem eram, onde estagiavam e de que universidades vinham. Ainda nesse contexto, havia um número limitado de escolas que rece-

biam os estagiários e os professores supervisores de estágio nas IES, e o estágio dependia, em grande medida, da articulação e das relações pessoais dos professores de estágio das IES com as escolas.

Em 2015 e 2016, a dirigente da DE de São Carlos Débora Blanco, em visita a algumas escolas, notou a presença de estagiários que se misturavam com os estudantes, que entravam e saíam da sala de aula sem compreender o que realmente se passava na escola. Em entrevista, ela afirma que o questionamento que ela se fazia era: “O que é que está acontecendo com esse menino que será nosso futuro professor? Será que ele está se perdendo, ficando invisível nesta escola?”. Os estagiários pareciam invisibilizados enquanto realizavam atividades de baixa complexidade e com pouco potencial de contribuir para o desenvolvimento do futuro professor, e não havia evidências de que compreendiam toda a complexidade da dinâmica escolar.

Naquele momento, inexistiam procedimentos e protocolos padronizados para monitoramento e acompanhamento do estágio supervisionado nas escolas, e, ciente da crise de falta de professores nas escolas públicas, a dirigente percebeu que seria estratégico entender, organizar e acompanhar os licenciandos que realizavam estágio nas escolas estaduais da DE de São Carlos. Assim, iniciou-se um processo de intermediação entre escolas e universidades, no qual a DE elaborou um protocolo de atendimento para o estágio supervisionado que possibilitou o entendimento do número de estagiários, em que escolas estavam e o que faziam durante suas horas na escola.

3.2 O objetivo da iniciativa e a visão do estágio supervisionado na DE de São Carlos

Na visão da DE de São Carlos, a universidade não é a única responsável pela formação dos licenciandos. Há um entendimento consolidado e uma visão compartilhada entre todos os servidores que conversamos de que as escolas e a própria DE são corresponsáveis pela formação do futuro professor, uma vez que é durante o estágio que o licenciando tem a oportunidade de aprender sobre a prática docente.

Trabalhamos com a formação dos futuros professores, não são só as IES que têm a responsabilidade de formar. Eles têm que fazer quatrocentas horas de estágio, é um volume grande dentro da licenciatura. Somos parceiros da formação do futuro professor. [...] Profissionalizar [a docência], como qualquer outra profissão. Não é mais pra assinar o estágio. Isso agradou muito aos professores das IES também, pois valorizou a disciplina de estágio.”

(Débora Blanco, dirigente da Diretoria de Ensino de São Carlos)

Com o entendimento de uma corresponsabilização pela formação dos futuros professores, a DE trabalha para que a experiência do estagiário garanta sua preparação para a docência, não apenas aprendendo a ensinar, mas também compreendendo todos os momentos pedagógicos da escola,

dentro e fora da sala de aula. Eles ressaltam a importância de o estagiário conhecer o currículo, os projetos, os programas, as plataformas da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, os dados de aprendizagem e as necessidades e os desafios que a escola enfrenta. Em documentos oficiais da DE sobre estágio, destacam-se os seguintes objetivos para a iniciativa:

- **Normalizar** procedimentos para a realização dos estágios;
- **Orientar e acompanhar** o desenvolvimento dos estágios nas escolas;
- **Aprimorar** as ações do professor coordenador (PC⁸) na formação inicial do estagiário numa concepção de parceria entre escola e universidade;
- **Formação articulada entre escola e universidade**, e sua contribuição para a iniciação à docência e à cultura do magistério;
- Dar **sentido e significado** às experiências dos estágios.

3.3 Passo a passo da iniciativa empreendida pela DE

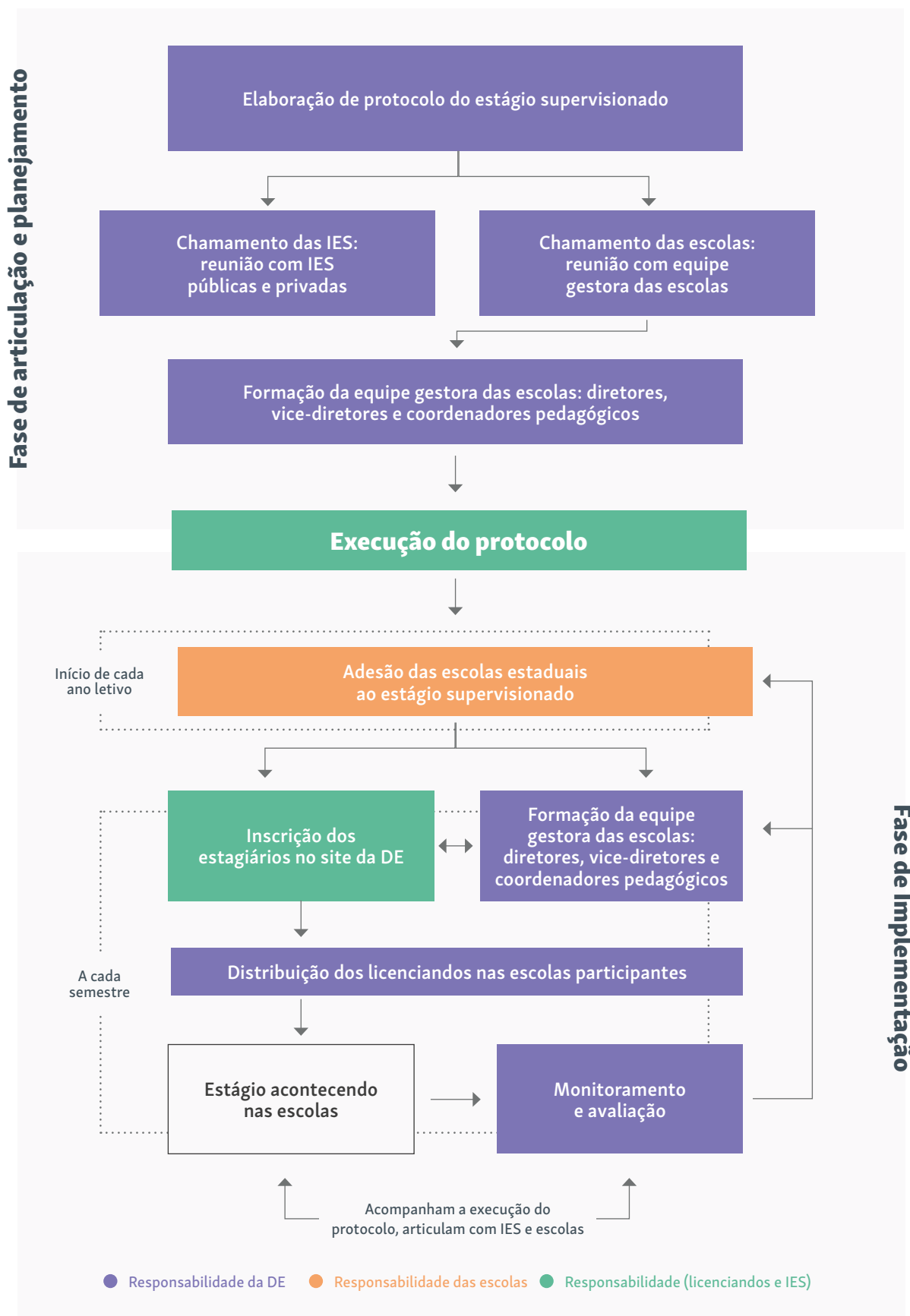
Dados os objetivos, a DE elaborou um protocolo para os estágios que passou a contar com os seguintes passos de implementação:

Figura 8. Passo a passo de implementação do estágio supervisionado

1. *Elaboração de protocolo do estágio supervisionado: atendimento e encaminhamento dos estagiários*
2. *Chamamento das IES públicas e privadas: reunião com os professores de estágio das IES*
3. *Chamamento das escolas: reunião com equipe gestora das escolas*
4. *Formação da equipe gestora das escolas (diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos)*
5. *Execução do protocolo*
6. *Monitoramento e avaliação*

Na próxima página, você também confere um infográfico que busca sistematizar as etapas, as ações e os atores envolvidos em cada momento do processo de planejamento e implementação:

8 Professor coordenador é o termo utilizado pela rede estadual de São Paulo para denominar a figura do coordenador pedagógico da escola.



3.3.1 – Elaboração do protocolo do estágio supervisionado: atendimento e encaminhamento dos estagiários

O primeiro passo foi a elaboração de um protocolo de atendimento e encaminhamento dos estagiários para as escolas. O principal objetivo do protocolo era facilitar e centralizar o processo de encaminhamento de estagiários para as unidades escolares de responsabilidade da DE de São Carlos, em que esta assume papel de mediadora entre IES e escolas, organizando as solicitações de estágio. Com o objetivo de centralizar e facilitar a comunicação e a execução do protocolo, a DE criou um e-mail específico para todos os assuntos relacionados ao estágio⁹. O protocolo desenhado pela DE envolve as seguintes ações:

- **Cadastro anual das escolas que desejam receber estagiários:** anualmente as escolas devem sinalizar para a DE se desejam receber estagiários e em que quantidade. Trata-se de uma atualização cadastral para adesão ao estágio. Antes da implementação desse protocolo, poucas escolas recebiam estagiários, o que acarretava uma concentração em escolas localizadas na região central da cidade e próximas a universidades como USP e UFSCar. Com o processo de cadastro anual implementado, outras escolas passaram a constar na lista de possibilidades para os licenciandos, e também ficou evidente para a DE que escolas estão abertas a receber estagiários, o que é extremamente vantajoso para aquelas mais periféricas antes invisibilizadas.
- **Inscrição dos estagiários:** todo licenciando que busca fazer estágio nas escolas estaduais de São Carlos deve encaminhar solicitação por e-mail, indicando até duas escolas nas quais tem interesse em realizar o estágio e enviar a documentação requerida. Esse e-mail também é utilizado para informar às escolas quais estagiários a DE está encaminhando e também responder a dúvidas do público.
- **Conferência da documentação após inscrição e distribuição dos estagiários:** feita a inscrição do estagiário, duas supervisoras de ensino localizadas na DE de São Carlos são responsáveis por conferir a documentação necessária para o estágio e distribuir os licenciandos nas escolas. A DE tem como prioridade atender ao pedido do estagiário em uma das duas escolas pelas quais o estudante demonstrou interesse, contudo há também um esforço em distribuir os estagiários de forma equitativa entre todas as escolas.
- **Encaminhamento dos estagiários para as escolas:** as duas supervisoras de ensino na DE informam, por e-mail, as escolas para onde os estagiários serão encaminhados. Tanto as escolas quanto os estagiários recebem um e-mail com todas as informações sobre a alocação e o encaminhamento.
- **Planilha de controle do estágio supervisionado em cada escola:** cada escola possui uma planilha online do Google Planilhas em que devem ser preenchidos os dados solicitados assim que o estagiário chega à escola. Essas planilhas são utilizadas pela Diretoria de Ensino no acompanhamento e no controle das atividades de estágio, auxiliando os estagiários, principalmente,

⁹ O e-mail é: estagio.desaocarlos@gmail.com.

a verificar se os documentos do estágio estão corretos e a identificar quando eles encerram o estágio, e assim, liberando novas vagas. As informações solicitadas pela planilha são: nome, RG e e-mail do estagiário, instituição de ensino superior, curso de licenciatura que está cursando, disciplina do estágio, carga horária de estágio realizada, período de realização, responsável pelo estágio na unidade escolar, se procurou a escola para iniciar o estágio (sim ou não), se concluiu o estágio (sim ou não), se entregou documentação obrigatória do estágio (sim ou não). Uma pessoa na DE é responsável por validar as informações e acompanhar o preenchimento das planilhas.

3.3.2 - Reunião com professores de estágio das IES

A pós a definição do protocolo de atendimento e encaminhamento dos estagiários, a DE organizou, em 2016, uma reunião inicial em que convidou diversos professores de estágio das IES públicas e privadas da região. O que motivou a DE, a primeiramente, conversar com as IES foram os relatos negativos que recebiam informalmente sobre a experiência dos estagiários nas escolas. Por exemplo, ouviam que os estagiários eram mal atendidos pelas escolas ou que o licenciando precisava retornar mais de cinco vezes à escola para conseguir falar com alguém. Para a surpresa de Débora Blanco, muitos professores das universidades convidadas compareceram.

Na reunião, a DE apresentou a proposta do protocolo de atendimento e encaminhamento dos estagiários e compartilhou que a coordenação desse processo ficaria a cargo da Diretoria.

E daí apresentamos a proposta, nós vamos coordenar, nós vamos distribuir os estudantes, só vão receber estagiário as escolas que quiserem. Pra eles [IES] foi uma mão na roda, porque o processo ficou claro, antes os professores das IES tinham que pedir [estágio] para conhecidos nas escolas.”

(Débora Blanco)

Atualmente, o contato entre DE e IES acontece mais sob demanda, normalmente quando há alguma dúvida ou questão burocrática a ser resolvida. As professoras de estágio da USP, da UFSCar e do Unicep entrevistadas afirmam ter uma relação muito próxima e de parceria com a DE, especialmente com a supervisora de ensino, Sônia, e com a dirigente Débora. Nos contatos esporádicos entre DE e IES, a comunicação é feita majoritariamente através de WhatsApp, e se for necessária alguma formalidade, as IES utilizam o e-mail do estágio da DE.

3.3.3 – Chamamento das escolas – Reunião com diretores das escolas

Depois de conversar com professores das IES, a DE convidou as escolas estaduais e apresentou aos gestores escolares o protocolo do estágio. Foi nesse momento também, inteiradas de como funcionaria o protocolo, que as escolas puderam realizar a adesão à iniciativa.

Segundo a DE, uma de suas responsabilidades é de sinalizar às escolas o que é mais urgente e o que deve ser priorizado, e, com a crise de falta de professores que já dava seus sinais, a DE fez questão de estabelecer o projeto do estágio como prioritário, de forma que os futuros docentes passassem a ter uma experiência de estágio com sentido, que valesse a pena e, principalmente, que os motivasse a retornarem à rede ao término da graduação.

Além de compartilhar a proposta de protocolo com as escolas, outro objetivo dessa conversa foi dialogar com as equipes de gestão escolar e sensibilizá-las sobre a importância da escola e da DE na formação do futuro professor. A DE reconhecia que seria fundamental que a equipe gestora se corresponsabilizasse nesse processo.

3.3.4 – Formação da equipe gestora das escolas (diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos)

Após alinhar o protocolo de atendimento e encaminhamento dos estagiários com IES e escolas, a DE ainda sentia a necessidade de aprofundar as discussões sobre a corresponsabilização da formação do futuro docente com as escolas. Era preciso sensibilizar as equipes gestoras periodicamente, e assim, estabelecer formações semestrais em conjunto, as quais deveriam **cascatear/repassar** a formação com os professores das escolas, a fim de dar início a uma mudança de cultura do estágio e da forma de pensar o estágio na DE.

Em entrevista com atores da diretoria, eles afirmam que era imprescindível que a DE tivesse uma sólida fundamentação teórica para as formações com diretores escolares e coordenadores pedagógicos, através da qual é possível sensibilizar e convencer sobre o papel da escola na formação do futuro professor e a importância do estágio supervisionado para tanto. Uma das principais referências teóricas utilizadas nas formações é Rui Canário. Dentre as temáticas abordadas pelo autor, a DE utiliza em suas formações, principalmente, os seguintes aspectos:

- *A escola é o lugar onde os professores aprendem o essencial da sua profissão (Canário, 2007, p. 65, apud Diretoria de Ensino de São Carlos, 2022).*
- *É necessário deixar de pensar a formação, quase exclusivamente, em termos de capacitação individual. Na medida em que passam a ser consideradas as dimensões*

coletivas do exercício do trabalho, a formação também começa a se orientar à formação de equipes de trabalho que se formam em exercício e, portanto, no próprio contexto de trabalho (Canário, 2007, p. 64, apud Diretoria de Ensino de São Carlos, 2022).

- A formação profissional dos professores passa a ser, basicamente, uma reinvenção de novos modos de socialização profissional, desenvolvendo nos contextos de trabalho uma dinâmica com uma vertente dupla: por um lado, formativa e, por outro, de construção identitária (Canário, 2007, p. 66, apud Diretoria de Ensino de São Carlos, 2022).

Além de Canário, a DE também se fundamenta nas contribuições de Dijnane Vedovatto Iza e Samuel de Souza Neto (2015, apud Diretoria de Ensino de São Carlos, 2022), tendo este último, inclusive, conduzido uma das formações para as escolas. A principal contribuição desses autores para as formações é a concepção de **trabalho integrado** entre escola e universidade durante o período de estágio supervisionado. Os autores afirmam que os estágios não costumam possibilitar experiências de socialização profissional que auxiliem os licenciandos a elaborarem um “ponto de vista pedagógico” sobre a escola, o ensino e os alunos. Nesse sentido, eles propõem que tanto universidade quanto escola têm responsabilidade nesse processo, como partes integrantes, sendo, portanto, fundamental que as IES **auxiliem com novas medidas e condições**, e que a escola faça parte do processo de formação de seus futuros profissionais, para além de abrir portas e ceder os espaços.

Figura 9. Trabalho integrado segundo Iza e Souza Neto (2015)

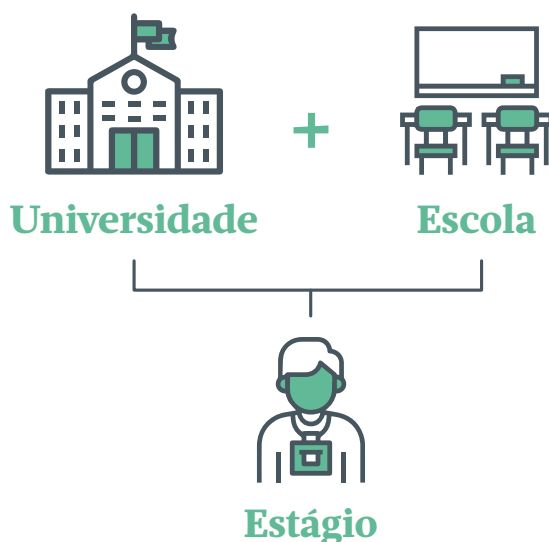


Imagem elaborada pela DE de São Carlos a partir do entendimento da visão de Vedovatto Iza e Souza Neto (2015, apud Diretoria de Ensino de São Carlos, 2022)

A formação sobre o estágio supervisionado para as escolas é ofertada **duas vezes por ano, semestralmente**, e, por enquanto, apenas para as equipes gestoras, em especial coordenadores pedagógicos (CP). A formação tem duração aproximada de três horas e pode envolver outros assuntos que a DE precisa trabalhar com a equipe gestora e pedagógica. É normalmente realizada no formato presencial na própria Diretoria de Ensino e tratada como convocação oficial de formação, sendo obrigatória.

Reunir todos os professores para essa formação demandaria uma logística espacial e de agenda mais complexa, pois o número de professores é muito maior que o de CP, e encontrar horários comuns para que os professores se ausentem da sala de aula é desafiador. Por isso, a intenção é que os CP possam cascatear (de maneira formal ou informal) as aprendizagens da formação e também atuarem diariamente na sensibilização dos professores das escolas.

Tentamos sensibilizar a escola, principalmente o PC (professor coordenador)¹⁰ e o diretor. Vocês estão recebendo o seu futuro professor. A formação desse professor não vai começar quando ele tiver aula atribuída, ela começa agora.

(Sônia Mercedes Antunes Silva, supervisora de ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos e responsável pela elaboração e condução da formação nas escolas sobre estágio)

Eu, como gestora, percebo duas vertentes. Eu sou de uma outra geração na qual não existia essa possibilidade. As escolas, quando se falava em estágio, nossa, achava que era uma coisa de outro mundo. E a gente percebe o quão é importante, né. Quando a Diretoria de Ensino de São Carlos fez essa parceria e ela procurou formar diretor, gestor das escolas para que acolhessem esses estagiários nas unidades escolares, a gente percebeu o quão significativo foi, porque os estagiários que chegam precisam da prática, né, porque é tudo teórico. E a gente também precisa desse olhar novo, esse olhar que eles trazem. A gente percebe que é uma troca muito significativa. Todos ganham.

(Edlara Camargo Cianflone, diretora da escola E.E. Aracy Leite Pereira Lopes)

Durante a formação, alguns tópicos principais são abordados:

- A importância do acolhimento do estagiário na escola;
- A importância de a escola mostrar os projetos e programas que ela desenvolve;
- A importância de a escola mostrar as plataformas e recursos que a rede utiliza (ex: plataformas de avaliação de aprendizagem, boletim do Ideb, boletim do Saesp)

¹⁰ Professor coordenador é o nome que a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo dá para a liderança pedagógica da escola, em outros contextos também chamado de coordenador Ppdagógico.

Em mais detalhes, a DE busca sensibilizar os gestores e coordenadores pedagógicos ilustrando o que é e o que não é o estágio supervisionado que a DE almeja, por exemplo, utilizando a figura abaixo:

Figura 10. Paradigma de formação do estagiário

Paradigma anterior	Paradigma atual
<ul style="list-style-type: none">• A responsabilidade pelo estágio é da universidade.• O estagiário é visto como aluno universitário.• O estagiário observa a prática da escola e analisa essa realidade mediante a teoria.• Na escola, o professor regente é o responsável pelas atividades do estagiário.• Falta de articulação entre a formação da escola e da universidade.	<ul style="list-style-type: none">• Corresponsabilidade da escola e da universidade na formação do estagiário.• O estagiário é visto como futuro professor.• O estagiário vivencia a docência numa concepção interacionista de aprendizagem.• Todos da escola estão envolvidos com a formação do estagiário.• O PC e o PCG são os articuladores desse processo de formação do estagiário.

Imagem elaborada pela DE de São Carlos utilizada durante a formação dos coordenadores pedagógicos

Além de deixar clara a visão de estágio da Diretoria de Ensino, a formação também apresenta o amparo legal que sustenta essa visão:

- Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008
- Parecer da Consultoria Jurídica (CJ) e o Decreto-lei 59.215/2013
- Deliberação CEE 111/2012
- Deliberação CEE 126/2014
- Deliberação CEE 132/2015

Durante a formação também são abordadas a expectativa e as atribuições de cada ator envolvido no estágio supervisionado. Isso ajuda a trazer clareza sobre papéis e responsabilidades, delimitando o processo. A diretoria estabelece o seguinte para cada ator:

Figura 11. Papéis e expectativas de cada ator do estágio supervisionado

Diretorias de Ensino	Supervisor de estágio na IES
<ul style="list-style-type: none"> • Verificar a documentação solicitada aos estagiários; • Encaminhar estagiário à escola, após a solicitação feita pelo professor supervisor de estágio da Instituição de Ensino Superior (IES) ou pelo próprio estagiário; • Às equipes de supervisão e PCNP como colaboração; • Socializar com os estagiários o Plano de Carreira do Magistério Público do Estado de São Paulo, o Sistema de Atribuição de Aulas, as Plataformas de Ensino, Aprendizagem e Avaliação da Seduc; • Propiciar formação inicial aos estagiários sobre o novo ensino médio. 	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar o estagiário na elaboração de um plano de ação (PDE) que contemple o atendimento das demandas da escola receptora; • À direção da escola receptora; • Aprovar o plano de ação proposto pelo estagiário e supervisor de estágio da IES; • Tomar ciência do desenvolvimento do plano de ação no decorrer do estágio supervisionado; • Atestar as horas de estágio realizadas na unidade escolar.
Professor coordenador (PC) da escola receptora	Professor regente da sala de aula
<ul style="list-style-type: none"> • Acolher o licenciando; • Garantir a inserção do futuro professor nas vivências escolares; • Viabilizar a elaboração e o desenvolvimento do plano de ação (PDE) de cada licenciando; • Acompanhar as ações realizadas pelos estagiários em parceria com os professores regentes da sala; • Socializar as atividades e programação escolares com os professores da escola e com os estagiários; • Registrar e documentar todas as atividades desenvolvidas, em todos os momentos do processo, desde a chegada do licenciando à escola até o encerramento das atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Orientar o estagiário no desenvolvimento do Plano de Ação (PDE); • Engajar o estagiário nas atividades concernentes a seu estágio; • Promover condições favoráveis para a realização desse estágio de forma presencial; • Reportar ao PC qualquer situação que comprometa a formação do futuro professor; • Fornecer relatório do andamento do estágio ao corpo gestor da escola; • Obs: Pela legislação vigente, não é aceita a realização de estágios com mais de seis horas de atividades diárias.

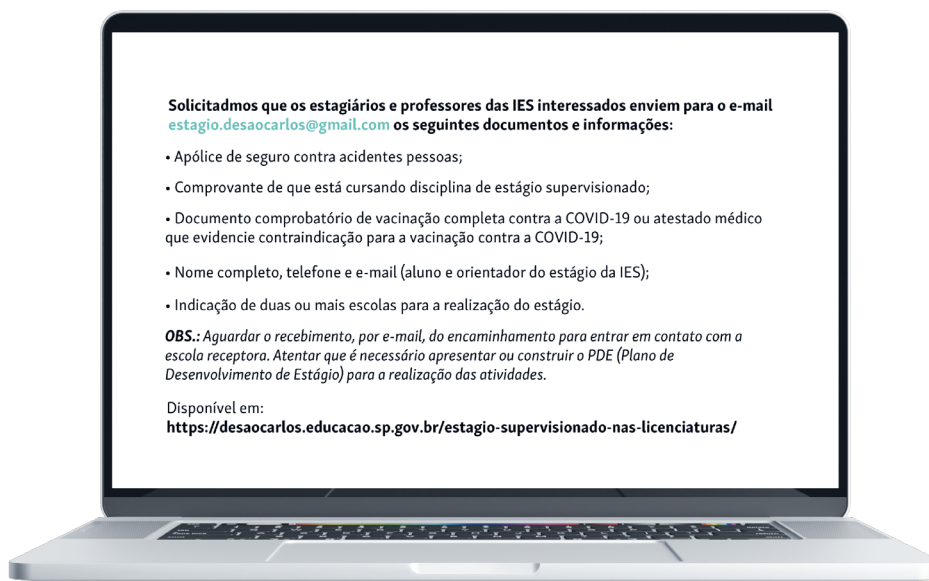
Material elaborado pela DE de São Carlos para uso durante a formação dos coordenadores pedagógicos.

A Diretoria também sugere um foco para a ação do estagiário na escola. Na formação realizada em março de 2022, a DE sugeriu que a ação educativa do estagiário deve se concentrar em reforço e recuperação escolar, mas ressaltando que cabe a cada escola, em comum acordo com a instituição de ensino superior, definir as prioridades para a atuação dos estagiários.

Após essa primeira parte da formação mais relacionada à sensibilização sobre a visão do que é e o que não é o estágio na DE e a delimitação de papéis, a DE aprofunda como se dará o processo de implementação do protocolo na prática. Primeiro, explica sobre a adesão das unidades escolares à iniciativa, indicando o formulário Google Forms a ser utilizado para essa ação e explicando as informações que são solicitadas no formulário. Depois, a DE também mostra a planilha única de cada escola, explicando as colunas e linhas da planilha, esclarecendo, assim, quais dados devem ser preenchidos. Eles explicam onde e como encontrar o link da planilha de cada escola, e depois como deve ser registrada a frequência dos estagiários, mostrando o instrumento do livro de ponto.

Também nesse momento é explicado como se dá a inscrição dos estagiários. A DE apresenta um passo a passo do processo e os documentos necessários:

Figura 12. Processo de inscrição dos estagiários nas escolas



Lâmina de slide elaborada pela DE de São Carlos para uso durante a formação dos coordenadores pedagógicos.

Nessa etapa a DE ainda apresenta o formulário de *feedback*¹¹ que os estagiários devem preencher ao concluir o estágio. Por fim, a DE oferece uma sugestão de roteiro para apoiar a implementação do estágio na unidade escolar:

Figura 13. Sugestão de roteiro de implementação do estágio na escola

1. Realizou a adesão da escola e enviou os dados dos responsáveis pelo estágio na UE?
2. “Recebeu” o estagiário pela Diretoria de Ensino?
3. O estagiário entrou em contato com a escola e apresentou o comprovante de matrícula na disciplina de estágio supervisionado ou afins, apólice de seguro e comprovante de vacina?
4. Apresentou o(s) professor(es) regente(s) da sala de aula ao estagiário?
5. Mostrou ao estagiário os indicadores (Ideb¹², AAP¹³, ADE¹⁴, MMR¹⁵) que podem subsidiar a elaboração do PDE (plano de desenvolvimento de estágio)?
6. Conseguiu apresentar a política educacional do estado de São Paulo, o currículo oficial, o Novo Ensino Médio, as plataformas disponíveis de ensino e aprendizagem e de avaliação?
7. Apontou ao estagiário quais as necessidades da escola? Como sugestão, olhe com carinho para a recuperação e reforço.
8. O estagiário entregou o PDE para a escola? Foi aprovado?
9. Já cadastrou o estagiário na planilha Google Docs?
10. Está acompanhando o desenvolvimento do estágio?
11. O diretor está informado sobre o desenvolvimento do estágio?
12. O estagiário concluiu o estágio? Verificou as horas realizadas? E o desenvolvimento do PDE?
13. Conversou com o estagiário e deu um *feedback* sobre a atuação dele?
14. Perguntou ao estagiário como a escola pode aprimorar a formação do estagiário?
15. Solicitou ao estagiário dar *feedback*?
16. Anotou a ação para contemplar em seu plano de trabalho a formação dos estagiários e da equipe docente?
17. Tudo pronto. Arquive o expediente.
18. Parabéns.

11 Esse formulário será aprofundado no tópico “3.3 - Monitoramento e avaliação” deste documento.

12 Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

13 Avaliação de Aprendizagem e Processo: avaliação bimestral realizada na rede de ensino estadual de São Paulo.

14 Avaliação Diagnóstica de Entrada: avaliação diagnóstica realizada na rede de ensino estadual de São Paulo.

15 Método de Melhoria de Resultados: metodologia utilizada pela rede de ensino estadual de São Paulo na melhoria contínua dos resultados de aprendizagem dos estudantes. O MMR contém diversos indicadores que são acompanhados periodicamente pelas escolas.

Segundo entrevistas com atores da Diretoria de Ensino, não há mais resistência das escolas em relação a essa nova forma de pensar o estágio supervisionado. Destacam que havia alguns anos, quando o projeto começou, existia maior resistência, mas que hoje a visão compartilhada da corresponsabilização da formação do futuro docente já é consolidada, principalmente quando se ressalta que o estagiário não é um mero observador do professor, e sim um parceiro e apoio para a escola.

Além da formação semestral para as escolas, a DE também realiza dois encontros por ano, não obrigatórios, com os estagiários. Os encontros têm duração de três a quatro horas, a depender da agenda e dos temas. Por exemplo, neste momento, início do segundo semestre de 2022, a DE discute sobre como apresentar a nova carreira docente do estado. Além disso, antes da pandemia, os encontros aconteciam presencialmente em uma das escolas estaduais, contudo a DE tem repensado o formato para que aconteça online, pois este já é um ambiente comum para os jovens licenciandos e também por possibilitar maior engajamento, já que não depende de locomoção.

O objetivo dessa formação é, principalmente, municiar os estagiários com informações sobre a carreira docente nas escolas estaduais (ingresso e evolução na carreira) e o passo a passo de como funciona a manifestação de interesse pelas vagas abertas e atribuição de aula. Além da apresentação sobre a carreira docente na rede estadual de São Paulo, a DE também apresenta as plataformas utilizadas pela rede, como a plataforma de avaliação formativa do CAEd, o Centro de Mídias de São Paulo e a Escola de Formação (Efape). Essa estratégia é outra forma que a DE encontrou de motivar os estagiários a seguir a carreira docente da rede.

Além da formação institucionalizada ofertada pela DE para os coordenadores de gestão pedagógica, as entrevistas também destacam o quanto o estágio vai além da formação do futuro professor, contribuindo muito para a formação continuada dos professores e o desenvolvimento da escola. O estágio ainda oferece uma oxigenação nas práticas escolares, por exemplo a discussão e o desenvolvimento de novas metodologias, a sugestão de metodologias ativas, o apoio e a facilidade dos estagiários com o uso de tecnologias para aprendizagem, como meios de apoiar o professor com os estudantes mais avançados ou aqueles com mais dificuldade de aprendizagem, na idealização e na implementação de projetos, promovendo questionamentos sobre as metodologias utilizadas e fomentando, assim, a reflexão sobre a prática etc. A dirigente Débora destaca:

[...] Quando o estagiário traz uma nova ideia, ele acaba movimentando a nossa sala, são mais percepções do que certezas; quanto mais a gente formar o CP e mais ele puder transmitir essa visão para os professores, melhor. Não é um professor auxiliar e não é um estagiário submisso, ele pode ser alguém que pode ajudar a tirar dúvidas.

(Débora Blanco)

3.3.5 - Execução do protocolo

Após as primeiras conversas com IES e escolas, formação das escolas em meados de 2016, o protocolo foi sendo executado como esperado. Primeiramente, no começo de cada ano, as escolas fazem adesão ao estágio, indicando quantos estagiários desejam receber e quem são os professores responsáveis pelos estagiários, indicando, inclusive, o e-mail de contato, pois é através deste que a DE irá comunicar quando um estagiário for atribuído a determinada escola.

No primeiro semestre de 2022, 72% das escolas (33 de 46) participaram do projeto e receberam estagiários. Podemos ver a evolução e os efeitos da pandemia no número de escolas que aderiram à iniciativa:

Figura 14. Total de escolas estaduais atendidas de 2019 a de 2022

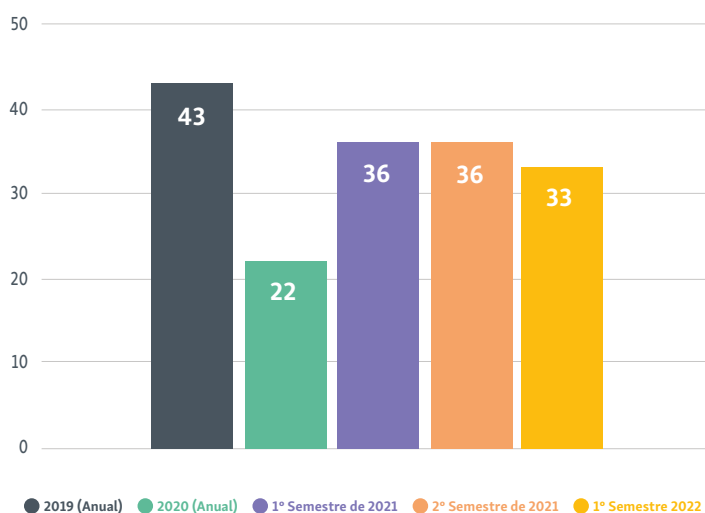


Gráfico de elaboração própria da DE de São Carlos

Depois da adesão anual das escolas na iniciativa acontece a formação dos diretores e coordenadores pedagógicos das escolas estaduais, duas vezes por ano, como explicado na seção anterior. Em paralelo à formação, a DE recebe as inscrições dos estagiários pelo e-mail institucional da iniciativa. A inscrição dos estagiários pode acontecer de duas formas:

1. O professor da IES já desenvolve um projeto em alguma escola (por exemplo, educação inclusiva) e já conversa com a professora da escola para combinar o estágio do licenciando. De qualquer maneira, o professor ou esse licenciando devem encaminhar um e-mail para a DE com os dados e documentos: nome da instituição de ensino superior, nome da escola, nome do estagiário, e-mail e telefone do estagiário, disciplina que vai acompanhar, apólice de seguro, comprovante de que o aluno está matriculado, carteirinha de vacinação.

2. A universidade não tem contato com as escolas, o que ocorre principalmente com os licenciandos cursando EaD. Nesses casos, os licenciandos podem mandar um e-mail com as mesmas informações (nome da instituição de ensino superior, nome da escola, nome do estagiário, e-mail e telefone do estagiário, disciplina que vai acompanhar, apólice de seguro, comprovante de que o aluno está matriculado, carteirinha de vacinação) e informar suas primeira e segunda opções de escolas.

Quando as inscrições dos estagiários começam a chegar, por um caminho ou outro, duas supervisoras na DE são responsáveis por analisar os documentos e informações enviadas e verificar se as duas opções de escolas pelas quais o estudante demonstrou interesse ainda têm vagas. A preferência é encaminhar o licenciando para a sua primeira escolha; caso não seja possível, ele é encaminhado para a segunda opção. Dar a oportunidade de escolha de até duas escolas aos licenciandos e buscar atender à prioridade indicada por ele é uma forma de motivar o candidato a não desistir do estágio, informa Sônia, supervisora da DE. Nos casos em que não há vagas, nem na primeira, nem na segunda escola, a DE comunica o estagiário de que não há vagas e perguntando-lhe se ele tem uma terceira opção ou oferecendo-lhe a lista de escolas que ainda têm vagas em aberto.

Um dos objetivos da mediação da DE entre escolas e IES é garantir que haja uma distribuição mais equitativa entre os estagiários nas escolas. Dessa forma, escolas mais periféricas também podem se beneficiar e receber estagiários.

Às vezes ele pede uma [escola] que já está sobrecarregada. Por exemplo, a gente tem uma escola que fica bem no centro, que é caminho para as IES, todo mundo quer trabalhar lá. A escola determinava o número de estagiários por disciplina, mas às vezes o estágio terminava antes e a vaga ficava trancada. Escola Álvaro Guião, só encaminhamos noturno, pois poucas escolas atendem noturno.

(Sônia Mercedes Antunes Silva)

A distribuição dos estagiários nas escolas ainda não é a mais equitativa, sendo um dos desafios destacados em diversas entrevistas por diferentes atores da DE e das escolas:

Se a gente foge muito da escola que foi indicada pelo estagiário e manda para uma escola periférica, a chance desse estagiário continuar as vezes não é muito alta, a gente tem que levar isso. As escolas de Ibaté pedem muito pra mandar estagiário, mas pra ele se locomover até lá é mais complicado.

(Bruno Turci, professor especialista em currículo [PEC] na Diretoria de Ensino de São Carlos)

[...] Nós [a escola] também precisamos desse olhar novo, desse olhar que eles [estagiários] trazem pra gente. A gente percebe que é uma troca muito significativa. Nas escolas que se abriam para o estágio supervisionado, a gente percebe uma revolução tremenda, porque todos ganham. A gente

percebe uma profissionalização, um crescimento, um amadurecimento nessa questão de parceria no estágio supervisionado, e como ele é rico para todos. Ele enriquece o ambiente escolar. Além disso, muitos dos alunos se espelham nesses estagiários. Eles enxergam a possibilidade de chegar a uma universidade; a gente que é de uma região de uma escola vulnerável, a universidade para muitos é distante. E quando vêm os estagiários, eles vêm com esse brilho no olhar, e muitos desses estagiários que chegam à escola vêm também de um perfil parecido com esses de escola pública, e eles começam a levar esse sonho, por isso pra gente é uma grande troca.

(Edlara Camargo Cianflone)

Atualmente, com a visão compartilhada do estágio como algo positivo e frutífero para as escolas, existe até uma certa “disputa” por estagiários. As escolas centrais ainda recebem a maioria dos estagiários e as mais periféricas frequentemente contatam a DE pedindo que enviem mais licenciandos. Isso demonstra o quão articulado e fortalecido o estágio supervisionado é na rede, pois há uma oferta organizada e uma demanda muito clara, confirmando que a presença do estagiário na escola é benéfica para todos. Sônia, supervisora da DE, e Edlara, diretora de uma das escolas, ressaltam:

[...] a gente sempre escuta “ah, vocês não têm como me mandar uns alunos da pedagogia? Porque eu tenho um problema na escola e acho que eles podem ajudar”, ou “ah, eu tenho um laboratório com pouco uso, quem sabe os estagiários não podem ajudar, têm pra mandar?”, e tem os “micos”, “ah, você nunca me mandou estagiário.

(Sônia Mercedes Antunes Silva)

Hoje a gente acolhe o estagiário com muita alegria porque a gente sabe que isso abre portas, abre horizontes. A escola cresce e passa a ter uma visibilidade melhor. Antes a gente percebia gestores com aquela política de resistência. Hoje a gente briga pra ter essa parceria, hoje todo mundo quer os estagiários.

(Edlara Camargo Cianflone)

A nossa escola é de uma região um pouco afastada das universidades. Então geralmente os licenciandos acabam dando preferência para as escolas que estão mais perto, por questões de transporte, e o estágio obrigatório não é remunerado, então não tem auxílio, por isso a Lara [Edlara] fala que a gente briga. Daí a gente fala “pô, não manda nenhum estagiário” Nesse primeiro semestre de 2022 a gente não teve nenhum.

(Grazielle Alves)

O processo anual de adesão das unidades escolares ao estágio e o esforço de distribuir mais equitativamente os estagiários estão entre os principais ganhos observados pelas universidades. Segundo as

entrevistas com professores de estágio da USP e da UFSCar, com o protagonismo de coordenação da DE em relação ao estágio, mais escolas passaram a aderir ao programa, o que aumentou as possibilidades de escolha dos licenciandos. Diversificar as escolas em que os licenciandos estagiam também proporcionou que diferentes contextos e desafios das escolas fossem discutidos na universidade, não se limitando apenas às escolas centrais, que geralmente contam com mais recursos e muitos estagiários.

O objetivo da DE é continuar aprimorando a distribuição dos licenciandos nas escolas, uma vez que as unidades escolares mais centrais são as mais procuradas, e as escolas na periferia costumam ser preteridas, especialmente pela dificuldade de locomoção e pela falta de transporte público. Nesse sentido, uma das ideias que a DE vem estudando é de criar uma página para cada escola, com informações sobre os programas, projetos, valores e visão, PPP, endereço físico e informações de contato, gerando assim um catálogo online de escolas em que o licenciando pode conhecer mais sobre o trabalho desenvolvido em cada uma delas e se interessar pelos seus atributos e desafios, não fazendo a opção apenas em razão da localização. Além disso, discute-se também a possibilidade de oferecer algum tipo de auxílio para transporte desses estagiários, o que poderia ser um incentivo para que os licenciandos escolham escolas mais periféricas.

Além de aumentar as possibilidades de escolha dos licenciandos, o protocolo também permitiu que a DE se aproximasse de outras instituições de ensino superior que antes não eram próximas ou mesmo conhecidas. Historicamente a DE tem uma relação com as principais universidades públicas da região, como a USP e a UFSCar. Contudo, com a mediação do processo de estágio, passaram a conhecer e se aproximar das universidades de curso EaD, como a Uninove e a Cruzeiro do Sul, as quais possuem polo na cidade. No primeiro semestre de 2022, os estagiários das escolas estaduais de São Carlos provinham de vinte instituições de ensino superior diferentes, e podemos ver a evolução e os efeitos da pandemia nestes números:

Figura 15. Total de Instituições de ensino superior atendidas de 2019 a de 2022

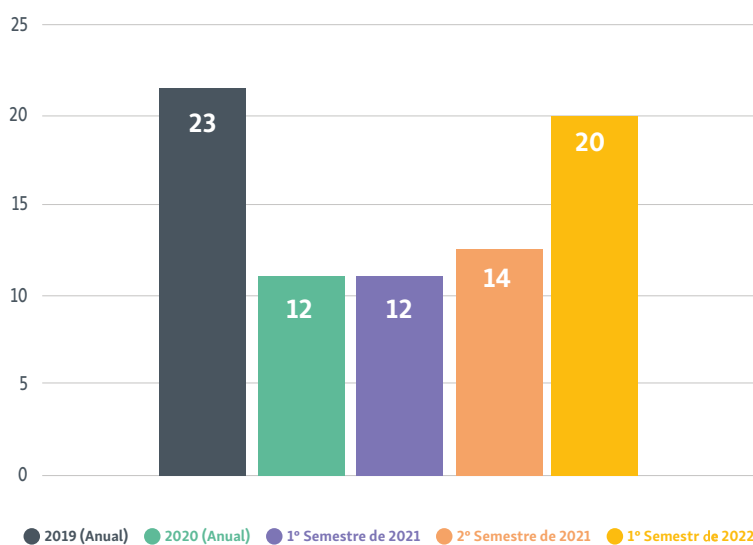


Gráfico de elaboração própria da DE São Carlos

Figura 16. Distribuição de estagiários de acordo com a Instituição de ensino superior no 1º semestre de de 2022

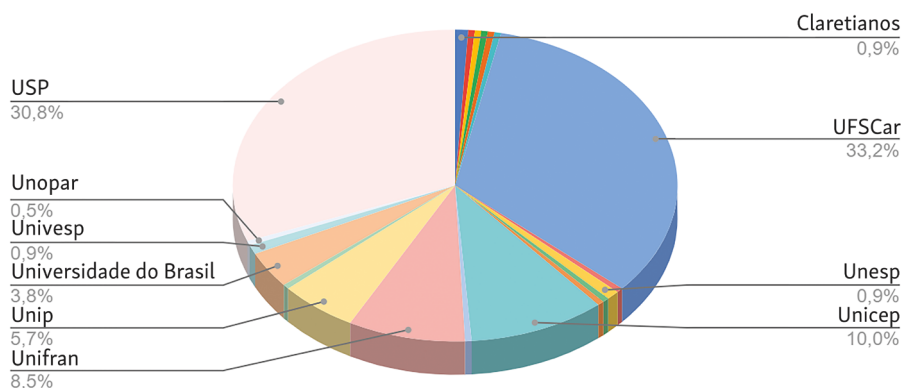


Gráfico de elaboração própria da DE de de São Carlos

Para apoiar a implementação do estágio nas unidades escolares, a DE oferece uma sugestão de roteiro (página 25). Espera-se que a escola apresente o espaço físico, os projetos e programas da escola e da rede de ensino, os indicadores educacionais como Ideb e outros utilizados pela rede, o livro de registro de horas e atividades do estagiário (livro de ponto) e o professor que o estagiário acompanhará. Depois dessa apresentação geral, o estagiário normalmente tem a oportunidade de conhecer e sentar com o professor regente, e combinar os detalhes sobre horários de aula e outros momentos formativos fora da sala de aula que o estagiário acompanhará, como reunião de pais, conselho escolar etc. Há escolas que agendam a apresentação inicial com vários estagiários de uma vez, para começarem no mesmo dia e horário. Outras escolas organizam o acolhimento conforme a chegada dos estagiários ou organizando uma grande reunião inicial de acolhimento, em que são apresentados os papéis, as expectativas e a escola em si.

Nesse sentido, fica clara a descentralização da implementação da iniciativa do estágio, que delega às escolas a escolha do professor e as adaptações necessárias ao plano de estágio. Veja a seguir o relato da coordenadora pedagógica da escola E.E. Aracy Leite Pereira Lopes e da supervisora de ensino Sônia, da DE de São Carlos:

Quando o estagiário chega, a gente alinha a parte documental, e geralmente o contato mais próximo do estagiário é com o professor mesmo. O estagiário alinha o plano de estágio com o próprio professor, e se por acaso a escola tiver outras demandas, no decorrer [do processo] a gente vai ajustando esse plano. Quando a gente recebe a formação, a gente tem acesso a um checklist [roteiro] da DE sobre o acolhimento do estagiário, e daí a gente faz o check. A gente também faz um registro das atividades que o estagiário realiza, apresenta o estagiário para o professor, apresenta os horários, e depois eles conversam entre eles para ajustar detalhes.

(Grazielle Alves)

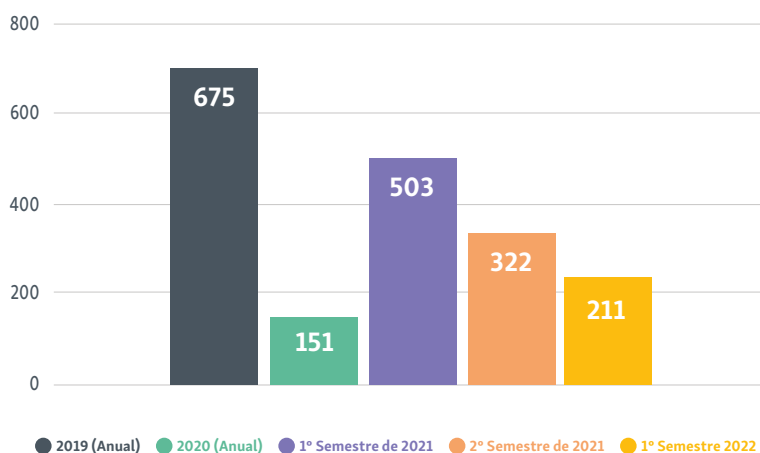
A gente não intervém no plano, a gente exige que tenha o plano, mas cada escola sabe o que precisa, o que quer. Não informamos que horas é o estágio, qual o professor. Isso é tudo decidido quando ele [estagiário] chega à escola.

(Sônia Mercedes Antunes Silva)

Na conversa do estagiário com o professor que o acompanhará, eles discutem em conjunto o plano de estágio que, geralmente, é desenhado seguindo as orientações e diretrizes da instituição de ensino superior. Contudo, esse momento inicial em que estagiário e professor regente discutem o plano de estágio é incentivado pela DE com o objetivo de que escola e IES alinhem as expectativas, ou seja, que o professor entenda as expectativas do estagiário quanto ao estágio e que o estagiário também compreenda as demandas e as metas da escola e do professor.

No primeiro semestre de 2022, a Diretoria de São Carlos registrou 211 estagiários ativos na rede. Podemos ver a evolução e os efeitos da pandemia nestes números:

Figura 17. Total de estagiários de 2019 a 2022



Depois do acolhimento do estagiário, cada escola deve preencher a planilha única da sua escola. A planilha é apresentada durante a formação, e cada escola deve preencher os dados para cada estagiário que se apresenta. A planilha é no formato Google Planilhas, o que facilita o acompanhamento da DE, já que se trata de uma ferramenta online colaborativa, que permite que os e-mails com acesso ao documento editem instantaneamente as informações para que outros que tenham acesso consigam ver as mudanças no mesmo momento, com informações atualizadas automaticamente. A planilha online facilitou o trabalho da DE em identificar as vagas de estágio disponíveis em cada escola, pois uma das informações requeridas é se o licenciando terminou o período de estágio. A planilha deve ser preenchida assim que o estagiário chega à escola, indicando o início e a conclusão do estágio.

3.3.6 – Monitoramento e avaliação

Em relação ao monitoramento da iniciativa, o principal instrumento de gestão utilizado é a planilha de cada escola. A planilha, como explicado brevemente em outras seções desta pesquisa, utiliza a ferramenta do Google Planilhas, o que permite dinamicidade ao monitoramento, uma vez que é um instrumento colaborativo online, em que as informações são atualizadas automaticamente para todos os usuários de e-mail com acesso. A planilha auxilia a Diretoria de Ensino no acompanhamento da implementação do estágio, ou seja, os dados preenchidos informam, sobretudo, se a documentação obrigatória do estágio foi entregue e se o estagiário já iniciou e concluiu o estágio. O processo funciona da seguinte forma:

- 1. Após a inscrição do estagiário através do e-mail institucional do estágio e o encaminhamento do mesmo para uma das escolas da rede que fizeram adesão, tanto o licenciando quanto a escola recebem o mesmo e-mail informando sobre a alocação da vaga.*
- 2. Em seguida, uma pessoa dentro da Diretoria de Ensino é responsável por preencher parte das informações da planilha online da escola à qual o licenciando foi atribuído. As informações que a DE preenche são:*
 - a. Nome do estagiário*
 - b. RG do estagiário*
 - c. E-mail do estagiário*
 - d. Instituição de ensino superior*
 - e. Licenciatura que está cursando*
 - f. Disciplina do estágio*
- 3. Quando o estagiário chega à escola, a coordenação deve preencher as demais informações da planilha. Algumas delas são preenchidas logo que o estagiário inicia o trabalho, outras apenas quando o estagiário o conclui. As informações preenchidas pela escola são:*
 - a. Procurou a escola (sim ou não)*

- b. Entregou documentação obrigatória do estágio (sim ou não)
- c. Carga horária de estágio realizada (discutido e definido quando o estagiário chega à escola)
- d. Período de realização
- e. Responsável pelo estágio na unidade escolar
- f. Concluiu [o estágio]? (sim ou não)

4. Em paralelo, a pessoa da DE responsável por preencher a parte inicial da planilha periodicamente acompanha as planilhas de cada escola para ver se o estagiário já contactou a escola e se já concluiu o estágio. Quando o estagiário contata a escola para iniciar o estágio e a escola preenche “sim” para a coluna da planilha que diz “Entregou documentação obrigatória do estágio”, o responsável pela planilha na DE marca a linha do estagiário em amarelo, indicando que ele iniciou o processo, mas ainda não concluiu o estágio.

5. Se o estagiário ainda não contactou a escola, ou contactou, mas ainda não entregou os documentos obrigatórios do estágio, a DE entende que ele ainda não iniciou o estágio; por isso as linhas da planilha para esse estagiário ficam em cor branca. Por outro lado, se o licenciando já concluiu o período de estágio, a escola deve escrever “sim” na coluna “Concluiu [o estágio]?”, e o responsável na DE por acompanhar as planilhas marca a linha do estagiário em verde.

Veja um exemplo de planilha que representa as etapas 4 e 5:

Figura 18. Exemplo de planilha da fictícia Escola Estadual Primavera¹⁶

Escola	Nome do estagiário	RG	E-mail	Inst. de ensino superior	Curso	Disciplina do estágio	Carga horária realizada	Período de realização	Procurou a unidade escolar	Concluiu	Entregou documentação
E.E. Primavera	João	XX	XX	Unip	Letras	Língua portuguesa	15h	07/03/22 até 08/04/22	Sim	Sim	Sim
E.E. Primavera	Maria	XX	XX	UFSCar	Química	Química	15h	07/03/22 até 08/04/22	Sim	Sim	Sim
E.E. Primavera	José	XX	XX	UFSCar	Matemática	Matemática	100h	30/03/22 até 30/06/22	Sim		Sim
E.E. Primavera	Pedro	XX	XX	Unicep	Biologia	Ciências	150h	30/03/22 até 30/06/22	Sim		Sim
E.E. Primavera	Luciana	XX	XX	USP	Geografia	Geografia	15h	15/03/22 até 12/04/22	Sim		
E.E. Primavera	Joana	XX	XX	Unip	Física	Física	45h	07/03/22 até 12/05/22			

Cabe ressaltar aqui que a planilha online foi uma melhoria de processo adotada pela DE. Anteriormente, a DE solicitava às escolas que preenchessem um Google Formulário assim que o estudante chegasse à unidade escolar para iniciar o estágio. O formulário solicitava informações semelhantes às solicitadas hoje pela planilha online, como nome do estagiário, documentos obrigatórios do estágio, carga horária do estágio etc. Contudo, a DE percebeu que o acompanhamento da mobilidade dos es-

¹⁶ O exemplo busca simular a planilha de cada escola em formato Google Planilhas. Foram criados nomes fictícios para a escola (E.E. Primavera) e os licenciados, assim como são fictícias as demais informações.

tagiários era estática por meio do formulário, pois a DE não conseguia acompanhar caso o estagiário desistisse do estágio, se ele concluiu o estágio naquela escola que inicialmente começou, se trancou a disciplina do estágio na IES com a intenção de retomar depois etc. Isso prejudicava o acompanhamento fidedigno e atualizado dos processos de estágio. Dessa forma, a planilha online permitiu que a DE acompanhasse com mais agilidade e com informações mais atualizadas o processo individualizado do estágio na unidade escolar.

Em relação à avaliação do estágio, a Diretoria de Ensino demonstra uma grande preocupação em coletar retornos sobre a experiência dos estagiários. Antes da pandemia, ao final do período de estágio, a escola solicitava a eles que preenchessem um questionário em formato de Google Formulário com as seguintes perguntas:

1. Nome do estagiário (questão aberta).
2. RG (questão aberta).
3. Nome da unidade escolar em que realizou a supervisão de estagiários (múltipla escolha da lista de escolas que fizeram adesão à iniciativa do estágio supervisionado na DE).
4. Instituição de ensino superior (múltipla escolha das principais IES da região e um campo aberto para escrever outra opção).
5. Responda as questões a seguir numa escala de satisfação de 1 a 5, em que 1 corresponde a insatisfatório e 5 a plenamente satisfatório. Quando necessário, utilize a coluna “não se aplica” para a atividade não realizada.
 - a. A mediação do estágio realizada pela DE de São Carlos com as unidades escolares facilitou a realização do estágio.
 - b. Enquanto estagiário, obteve suporte da equipe de estágio na DE de São Carlos quando necessário.
 - c. O acolhimento recebido na unidade ofereceu informações importantes para o desenvolvimento do estágio.
 - d. Enquanto estagiário, foi bem acolhido pelo coordenador da escola.
 - e. A formação realizada na unidade escolar atendeu às expectativas de formação do estágio.
 - f. A formação realizada pela Diretoria de Ensino na E.E. [Nome da escola] atendeu às expectativas de formação de estágio.
 - g. A vivência das atividades realizadas no estágio contribuiu para a formação do estagiário.
 - h. O professor de área que realizou as atividades juntamente com o estagiário promoveu uma formação que favorecia sua inserção no magistério.
 - i. O relacionamento entre o professor de área e o estagiário pautou-se nos princípios de cordialidade, respeito e ética profissional.
6. Aponte os pontos positivos da realização do estágio mediado pela DE de São Carlos (questão aberta).

7. Aponte os pontos para aprimoramento no processo de desenvolvimento do estágio (questão aberta).
8. Apresente sugestões de temas a serem abordados em futuras reuniões de formação de estágio numa concepção de trabalho integrado entre escola e instituição de ensino superior (questão aberta).

Apesar da grande preocupação da DE e do entendimento da importância do *feedback* dos licenciandos sobre sua experiência de estágio nas escolas, ainda há um baixo engajamento deles em preencher o formulário. Uma das hipóteses levantadas pela DE é de que o estagiário pode se sentir intimidado em dar um *feedback* se é a escola que solicita o preenchimento do questionário. Além disso, segundo entrevistas com atores da DE, o questionário ainda precisa de ajustes e outras estratégias de engajamento. Algumas ideias já foram discutidas, mas nenhuma implementada efetivamente, por exemplo, a assinatura de conclusão do estágio pela escola ser feita somente depois de o estagiário preencher o questionário de *feedback*. Contudo, ainda há dúvidas se essa seria a melhor maneira de engajá-los, uma vez que ela também pode se tornar um fator desmotivante para os licenciandos. Outras ideias discutidas são a de disponibilizar computadores ou tablets durante o evento do estágio que acontece ao final de cada semestre, momento em que os licenciandos apresentam o trabalho que realizaram a outros estagiários e escolas, ou mesmo a de solicitar que o licenciando preencha o formulário de *feedback* como requisito para inscrição no evento de culminância do estágio ou no da formação sobre carreira docente. Sônia, supervisora da DE, ressalta:

O que nós iremos fazer com esse material? São pontos que ainda temos que discutir. A gente sempre tem pontos para avançar.

(Sônia Mercedes Antunes Silva)

3.4 O estágio supervisionado na prática

Nesta seção abordam-se aspectos referentes ao dia a dia da disciplina do estágio na escola e na IES. Aprofundam-se temáticas sobre como os licenciandos e a IES enxergam o papel do estágio na formação do futuro professor, quais os aprendizados dos licenciandos durante o estágio, a relação entre os atores envolvidos, como o protocolo se concretiza na prática e quais reflexões são feitas na IES a partir da experiência prática do licenciando.

Na visão da professora supervisora de estágio da UFSCar, Isadora Valencise Gregolin, apesar de cada projeto pedagógico ter sua visão própria sobre o estágio, um dos objetivos principais da disciplina é de “romper as barreiras físicas” entre universidade e escola. Complementando essa visão, Edna Maura Zuffi, supervisora de estágio da licenciatura de matemática na USP), ressalta que o estágio é a “oportunidade de o professor começar a ter suas práticas docentes numa realidade escolar”, além de ser um momento fundamental para que os licenciandos conheçam o sistema educacional brasileiro. Na visão de Ana Claudia Rebolho, professora supervisora da disciplina de estágio do Unicep, o estágio

também é um momento de autoconhecimento e reflexão sobre a profissão de professor, pois é nessa experiência que muitos licenciandos decidem se realmente querem ou não seguir a profissão.

Em relação à visão dos estagiários sobre o estágio, todos os quatro entrevistados reforçaram a importância da disciplina para sua formação. Um dos pontos abordados nas entrevistas foi a relevância de se conhecer a realidade da escola pública e do contexto escolar, como podemos observar nas falas a seguir:

Até por ser minha primeira vez na escola pública, foi muito muito útil. O estágio dá um realismo muito grande. O estágio permite a você entender a realidade da escola pública, das políticas, então você sabe como vai ser exatamente. Com o estágio é muito difícil você se surpreender com o que pode vir, o estágio ajuda muito, dá um realismo.

(João Luiz Moraes Gomes, aluno da licenciatura de matemática da USP)

Contribuiu para o meu desenvolvimento, por mais que tenha tido um pouco de desorganização, é a realidade que a gente vai enfrentar.

(Danilo da Silva Moraes, aluno da licenciatura de matemática da USP)

Gostei bastante da experiência, foi muito enriquecedora. Ter esse papel mais ativo foi importante para a minha formação, sentir mais a experiência, ter mais contato com os alunos, ter a experiência de entender os desafios da escola.

(Murilo do Nascimento Luiz, aluno da licenciatura de matemática da Cruzeiro do Sul)

A experiência que eu tive aqui [E.E. Aracy Leite Pereira Lopes] como estagiário foi extremamente importante. Esta escola é na região mais afastada, e como eu quero trabalhar com formação de professores, tenho que conhecer a realidade da educação. Vindo pra cá eu aprendi como funciona a educação básica, porque na universidade a gente tem professores que colocam para nós coisas teóricas como se tudo fosse fácil na educação, e como se o vilão fosse o professor, né, a gente chega e já consegue fazer tudo. E, no estágio, eu percebi que a gente tem um perfil muito subjetivo que varia de aluno pra aluno e de sala pra sala, e isso modifica todo o pensar docente. [...] Essa experiência foi substancial para eu persistir na carreira docente, ter conhecido a escola básica.

(João Pedro Mardegan Ribeiro, professor na E.E. Aracy Leite Pereira Lopes e ex-estagiário da escola)

Além de reconhecerem a importância do estágio para sua formação, os licenciandos também compartilharam aprendizados que tiveram durante o estágio. Todos os aprendizados são diretamente relacionados com o fato de eles estarem em contato com a prática e com o contexto escolar, por exemplo:

Gosto muito de matemática, o conteúdo de matemática do sexto ano é muito tedioso pra mim, e é muito interessante ver o quão difícil é explicar, porque 5×7 é 35, é muito mais fácil resolver uma questão difícil de matemática da Fuvest do que explicar essas coisas para os alunos do sexto ano. Estar em contato direto com os alunos foi muito muito bom pra entender.

(João Luiz Moraes Gomes)

Quando eu cheguei tinha um grupo de alunos com problema de comportamento, estavam desinteressados, acabavam falando bastante, e eu percebi que quando eles começaram a ter atenção acabaram focando mais. Todos os alunos queriam aprender e gostavam de aprender. O que acontecia é que alguns não estavam conseguindo, e por isso eles dispersavam. Eu não acho que eles não tinham atenção por culpa dos professores, funcionários, é mais pela sobrecarga. Todos os profissionais com quem eu tive contato eram muito dedicados. Eu fiquei muito feliz com o que eu vi, existiam problemas, claro, mas eu fiquei muito feliz de ver que todo mundo queria fazer algo bom.

(Murilo do Nascimento Luiz)

Antes eu tinha trabalhado com ensino médio, agora com o oitavo ano, antes tinha sido mais ensino remoto, híbrido, agora foi mais a realidade mesmo, alunos que parecem mais energizados assim, é a realidade, foi formativo, bastante. [...] Gostei de fazer observação. Foi interessante ver uma relação professor-aluno que não é muito boa, talvez entender o que eu não faria, como eu não agiria, eu vi algumas situações que talvez como professor eu evitasse.

(Danilo da Silva Moraes)

A experiência dos licenciandos entrevistados vai ao encontro da visão que a Diretoria de Ensino tem sobre a importância dessa experiência na formação do futuro professor. Dentre os pontos destacados, eles mencionam o papel ativo e proativo que o estágio demandou deles e a visão dos estagiários como parceiros da escola. Além disso, mencionam que foram bem recebidos, que a escola oferece suporte e dá certa autonomia para sua atuação:

Gostei bastante da experiência, foi muito enriquecedora. Ter esse papel mais ativo foi importante para a minha formação, sentir mais a experiência, ter mais contato com os alunos, ter a experiência de entender os desafios da escola. Acho que foi bom também para a escola, está todo mundo sobrecarregado, acho que essa ajuda foi bem-vinda para eles. Eu senti que havia alunos que não conseguiriam atenção caso não tivessem a figura do estagiário. [...] Me senti muito acolhido, dão certa autonomia, nos enxergam bastante como parceiros, e não como alguém que está no canto tomando aula. Direção, coordenação, professores, todos me acolheram bem.

(Murilo do Nascimento Luiz, aluno da licenciatura de Matemática da Cruzeiro do Sul)

Na E.E. Álvaro Guião eles falam que querem estagiários que ajudem, que não só observem.

(Danilo da Silva Moraes)

Com os acontecimentos vivenciados na escola, os estagiários retornam para casa e para a IES com o objetivo de refletir sobre a prática. No caso das duas IES públicas entrevistadas, USP e UFSCar, a disciplina do estágio tem encontros semanais para discutir as ocorrências experienciadas pelos licenciandos na escola campo. Já as universidades privadas Cruzeiro do Sul e Unicep ofertam o curso a distância, e, por isso, as reflexões e discussões são mais individuais, com menor frequência de interação e normalmente com os tutores da disciplina. Em todos os casos, o registro reflexivo, que pode ser um diário de campo ou no formato de portfólio, é a principal metodologia utilizada para acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem dos licenciandos:

Os estagiários vão fazendo registros reflexivos no formato de portfólio, e depois isso vira um relatório, a gente vai discutindo juntos, no formato de escrita reflexiva. Reflexões teorizadas sobre a prática. Prática no sentido de práxis, teoria e prática não se separam (a gente tem esse princípio).

(Isadora Valencise Gregolin, professora supervisora de estágio da licenciatura de português, inglês e língua espanhola na UFSCar)

A gente marca reuniões quinzenais sobre eventuais problemas e experiências. No diário de campo eles colocam o que acontece no dia a dia, isso é uma coisa entre eles e a escola.

(Ana Claudia Rebolho, professora supervisora de estágio no Unicep)

São diversas as temáticas tratadas durante a disciplina do estágio. Nesse processo, as professoras supervisoras de estágio destacam a importância de trazer discussões em que os estagiários possam relacionar a prática que vivenciam e as teorias estudadas em outras disciplinas. Alguns exemplos são:

Uma prática qualquer nunca é ingênua, nunca é neutra, sempre é movida por pressupostos teóricos e metodológicos. Às vezes, por exemplo, o simples fato de um estagiário que está lá na escola chamar de “exercício” uma atividade já é um motivo para a gente fazer uma discussão teórica, nessa ideia de um pressuposto que seria mais behaviorista, de estímulo e resposta. É bem interessante, às vezes o próprio professor da escola não se dá conta, no dia a dia, tão corrido, de que um termo que ele usa está imbuído dessas concepções. [...] É sempre bem interessante ele [professor] ir se dando conta também do quanto receber estagiário modifica as práticas, porque ele começa a repensar aquilo que vem fazendo no automático às vezes, há tantos anos, e que por alguma razão faz e não sabe nem explicar por quê. E quando ele tem um estagiário que começa a questionar, ele tem que se questionar.

Esse movimento tem sido bem legal, de respeito, claro, e a gente aprende também, a gente repensa por que a gente defende tanto uma perspectiva na universidade, mas que na escola é tão difícil de efetivar.

(Isadora Valencise Gregolin)

Tem uma carga horária de aula, a gente estuda muita teoria, alguns textos que envolvem teoria e prática, vê o que é a teoria, vê artigos, exemplos de pessoas que aplicaram, tem essa parte de documentos. Tem um momento da gente contar nossas experiências, eu apliquei assim e deu certo ou deu errado, e isso contribui para o jeito que a gente pode pensar. Estou tendo várias experiências e pensando, por exemplo, o que eu vou fazer diferente.

(Danilo da Silva Moraes)

Um dos aspectos da prática do estágio que merece destaque é a regência. A regência, normalmente, é a última parte da disciplina do estágio que os licenciandos devem realizar. Esse é o momento que o futuro professor deve elaborar um plano de aula para um contexto real, refletindo sobre o perfil da turma e os alunos, o conteúdo e as habilidades que irá trabalhar, como isso se relaciona com o currículo e o material didático da rede e quais metodologias ele irá utilizar, e depois conduzir a aula com o objetivo de promover a aprendizagem dos alunos.

Esse processo da regência tem suporte, sobretudo, das professoras de estágio, mas, em certa medida, também envolve o professor regente da escola, especialmente no momento de definir quais habilidades e conteúdos serão trabalhados na regência. Na entrevista com a professora da USP Edna Maura Zuffi, ela ainda menciona que costuma encorajar os licenciandos a gravarem a regência para que possam assistir e discutir depois, indo além do relato em palavras. É um processo típico de ação-reflexão-ação durante o estágio que se mostra fundamental para a formação do futuro professor. Eis alguns relatos sobre essa experiência:

O contrato didático, eu não fiz nessa última regência e percebi depois que eu deveria ter perdido mais esse tempo, essa é uma reflexão que eu tirei, a principal, no próximo estágio, o que funcionou e o que não funcionou, eu já fiz três tipos de metodologia diferentes.

(Danilo da Silva Moraes)

Para a regência, a gente faz um plano de regência, mostra pra ela e ela faz alguns apontamentos. A gente também faz um plano de aula hipotético e apresenta na aula, e ela também dá alguns apontamentos. Do plano hipotético, era um de probabilidade, abordar probabilidade com dados (uma a seis faces) pode ser confuso para os alunos. Usar simbólicos para tratar de probabilidade com alunos do sexto ano é muito número, poderia usar frutas, por exemplo.

(João Luiz Moraes Gomes)

Gravação de regência do estagiário, os bolsistas educadores¹⁷ fazem comentários. Uma semana antes deles aplicarem as atividades na escola, eles têm que me mandar, e a gente faz uma avaliação do que está sendo proposto. Alguns aspectos que a gente observa são a abordagem do conteúdo, com segurança, domínio do tempo, capacidade de gestão do tempo, gestão dos próprios estudantes. São coisas que o professor tem que aprender, a disciplina e a ordem da sala, para que eles se engajem na atividade.

(Edna Maura Zuffi, professora doutora supervisora de estágio da licenciatura de matemática na USP)

Além disso, também foi destacada a importância de outros espaços de aprendizagem que não apenas a sala de aula. Não só os professores das IES, mas também os licenciandos, reconhecem que participar de outros momentos pedagógicos da escola contribui para o seu desenvolvimento enquanto futuro docente.

Trabalhar a questão do espaço da sala dos professores, o momento do cafezinho pedagógico, como se referir aos alunos e às aulas, tentando enxergar nesse momento um espaço importante para fazer uma autoavaliação da primeira aula e pensar pontos de ajuste. Não é só a sala de aula, outros espaços da escola também fazem parte da aprendizagem. A forma de computar a carga horária é do momento que se chega à escola até o momento de ir embora. Ou seja, tudo que ele faz na escola são as atividades que eles discutem.

(Isadora Valencise Gregolin)

Em relação ao protocolo de estágio da Diretoria de Ensino, alguns entrevistados relataram certa burocracia no processo de inscrição e início do estágio, chegando a demorar mais de três semanas até poderem, de fato, iniciar. Isso provavelmente ocorreu pois o estagiário, a princípio, deve ter contatado a escola, e a escola pode tê-lo orientado a seguir o protocolo de estágio da Diretoria de Ensino. Um dos estagiários sugere que a faculdade poderia ajudar nesse processo. Por exemplo, assim que os estudantes se matriculam na disciplina de estágio, a faculdade poderia enviar um e-mail com as orientações sobre o protocolo de estágio da DE, a lista de escolas e outras informações úteis.

Mais de um estagiário relatou ter sentido falta de uma apresentação estruturada sobre a escola, os programas da rede de ensino, o currículo, o projeto político-pedagógico institucional e os índices de aprendizagem. Entre os que participaram de uma reunião inicial sobre estágio, há quem mencione que o conteúdo da conversa foi mais relacionado às expectativas da escola sobre os estagiários e a questões mais práticas, como vestimenta dos licenciandos e horários. Apesar desses relatos, o núme-

¹⁷ O bolsista educador é uma pessoa que recebe bolsa e apoia a disciplina do estágio na USP. A professora supervisora de estágio Edna explica que esse ator pode apoiar, por exemplo, dando feedback sobre a regência gravada pelo licenciando ou orientando as dúvidas dos licenciandos sobre o estágio. O bolsista educador tem contato direto com os estagiários por meio de WhatsApp, sistema da universidade ou e-mail.

ro de entrevistados não pode representar a maioria dos licenciandos e escolas da DE, pois a amostra é muito pequena para generalizar que isso aconteça da mesma forma em outros casos e instituições.

Ainda sobre a relação entre estagiários e professores e coordenadores pedagógicos da escola, muitos relataram que se sentiram acolhidos e apoiados pelas equipes escolares. O contato com o professor regente era mais esporádico e informal, não ocorrendo reuniões periódicas de *feedback* ou orientações mais aprofundadas, o que pode ser uma oportunidade de tema formativo nas futuras formações que a DE realizar. Apesar disso, todos relataram que havia abertura com as professoras regentes caso quisessem marcar uma reunião mais direcionada. Alguns relatos são:

Eram mais informais os combinados. 'Ah, João, eu preciso que você me ajude passando esses exercícios na lousa enquanto eu corrijo caderno. Na entrevista que eu realizei com ela, a gente avançou sobre alguns assuntos, ela dava abertura caso eu precisasse conversar sobre algo específico. [...]

A relação com a coordenação foi muito boa, e a relação da coordenação com os professores era muito boa, se eu for trabalhar lá, sei que eu não vou estar sozinho, sabe, a coordenação apoia muito o professor, são pessoas que têm uma visão de fazer um bom trabalho, promover uma boa educação.

Ver pessoas que realmente lutam pela educação foi animador, tem várias pessoas tentando.

(João Luiz Moraes Gomes)

A gente conversava bastante, mesmo tendo pouco tempo. Mais no intervalo, um pouco antes de ir pra aula, na saída, em torno de cinco a dez minutos. As duas conversavam bastante comigo, cada uma tinha uma abordagem, a professora do oitavo ano me enxergava mais como um colega, e a professora do sexto me enxergava mais como um estudante. A professora do sexto ano tentava me dar mais feedback, ideias, e a professora do oitavo ano conversava mais sobre o trabalho, foi bem bacana ter essas duas posições, ter a oportunidade de ser um pouco mais ativo em termos de dar opiniões, e por outro lado receber bastante experiência. [...] Em algum momento eu passei a dar como que uma aula particular para alguns alunos. Ela ouvia bastante meus feedbacks sobre os alunos, as dificuldades, e a gente acabou selecionando alguns alunos para eu dar apoio mais direto. Isso não acontecia sempre, era mais quando a gente ia sentindo. Às vezes ela me colocava para atender todos os alunos, mas pra eu atender/ficar atento a alguns alunos específicos.

(Murilo do Nascimento Luiz)

3.5 Estratégias de engajamento, articulação e suporte

Um dos principais aspectos de sucesso da iniciativa se deve às ações de engajamento, articulação e suporte realizadas pela DE. Dentre essas estratégias, destacam-se as seguintes:

1. Valorização do estagiário como parceiro e futuro professor da rede

É evidente nas entrevistas que o novo paradigma do estágio já é uma realidade entre os diferentes atores. Não só a Diretoria de Ensino, mas também a equipe escolar e até mesmo os estagiários dão relatos semelhantes sobre a visão do estágio e do estagiário nas escolas da DE. Mencionam, inclusive, as mesmas frases e palavras: “O estagiário como parceiro da escola”, “A formação do futuro docente da rede”, “O estagiário aprende muito com a escola e a escola aprende muito com o estagiário”, “Não é só estágio de observação, aqui a gente quer um estagiário que participe”.

Além da formação semestral para coordenadores pedagógicos das escolas, a DE também tem outras ações que demonstram uma forte valorização do papel do estagiário para o sucesso escolar. Nos últimos anos, com exceção do período de pandemia da Covid-19, a DE realizou um evento semestral com todos os estagiários, professores regentes, equipe gestora da escola e professores supervisores de estágio das instituições de ensino superior para socialização das atividades que foram realizadas durante o estágio, incentivando as escolas a apresentarem os projetos. Esse encontro tem como principais objetivos compartilhar as boas práticas, ideias e resultados entre escolas de como os estagiários podem apoiar o trabalho pedagógico da escola e também reconhecer o trabalho valioso que os estagiários realizam. Além disso, também é uma oportunidade de aproximar a IES das escolas e os estagiários das instituições de ensino em que realizaram o estágio.

A partir dos encontros realizados, a DE elaborou um e-book relatando as boas práticas e aprendizados das experiências apresentadas. Um caso compartilhado durante esses eventos foi destacado por Ângela do Carmo Paula Gomes:

Sobre a contribuição dos estagiários no processo de alfabetização, eu participei (e acompanhei) na escola Elisa Venete de um processo de alfabetização que a coordenadora trouxe para as estagiárias, e elas abraçaram a ideia, e foi bem bacana. [...] Era a metodologia da “boquinha”, a coordenadora trouxe uma metodologia diferente que ajudava as crianças com dificuldade de alfabetização, que as estagiárias abraçaram e incorporaram, e o resultado foi bem positivo no processo de alfabetização. Crianças que tinham bastante dificuldade na leitura e na escrita desenvolveram bem a partir dessa parceria que fizeram com essa metodologia.”

(Ângela do Carmo Paula Gomes, supervisora de ensino na Diretoria de Ensino de São Carlos)

De acordo com a teoria organizacional denominada *Evolutionary Learning*, a ação da DE se alinha exatamente a um dos preceitos principais dessa alternativa para o funcionamento das organizações: buscar e construir o conhecimento dentro da própria comunidade, ou seja, dentro da escola, com os professores, coordenadores e estagiários, pois são eles que vivem diariamente o contexto e os desafios, e sistematizar os conhecimentos de modo que se tornem transferíveis entre escolas, registrando o que dá certo e circulando a informação dentro da própria DE. Um relato interessante sobre esse aspecto foi:

Quando a gente tem boas práticas e compartilha, a gente tenta abrir a cabeça dos professores e coordenadores pedagógicos sobre como o estagiário pode ajudar. A gente teve um estagiário que engajou os estudantes a participar das olimpíadas de astronomia. O estagiário percebeu o papel dele enquanto professor.

(Bruno Turci)

2. Formação e sensibilização dos atores da escola com forte embasamento teórico

Outra estratégia para engajamento e implementação do projeto foi a percepção da Diretoria de Ensino de que, para sensibilizar as escolas e mudar o paradigma do estágio, seria necessário haver eventos formativos recorrentes, semestrais, com um forte embasamento teórico. Quando a DE iniciou os diálogos sobre a iniciativa do estágio, havia muita resistência quanto ao papel do estagiário, que ainda era visto como um observador julgador do trabalho do professor. Também era corrente a ideia de que a escola que abre as portas para o estágio estaria acumulando trabalho extra aos professores e coordenadores. O embasamento teórico em Canário (2007, apud Diretoria de Ensino de São Carlos, 2022) e Iza e Souza Neto (2015, apud Diretoria de Ensino de São Carlos, 2022) foi fundamental para a sensibilização dos atores escolares. Em entrevista com a professora supervisora de estágio da UFSCar, ela ressalta:

Lá em 2008, 2009, 2010, havia muita mudança de diretor, coordenador. As escolas não entendiam o seu papel na formação do estagiário. Então, entendiam que era um espaço que abriam, e havia sempre, claro, uma boa vontade, mas não um comprometimento na formação. Era algo que tinha que ser a Diretoria de Ensino a fazer, não dava para a universidade fazer isso, primeiro porque não temos legitimidade, e também temos esse contato de todos. [...] Depois elas começaram também a fazer um papel formativo, que acho que foi fundamental, foi a grande diferença, mesmo a gente já tendo professores que tinham parceria conosco e mais ou menos entendiam esse papel de coformação e corresponsabilidade, mas é esse trabalho mesmo que elas seguem fazendo, e acho que isso se multiplicou dentro da escola. E a gente sabe que essa ideia vem sendo discutida há décadas no campo teórico.



Todo início não é fácil, você tem que romper com as culturas, é mais trabalho para uma rede que já está sobrecarregada. Quando a DE [a organização do estágio] começou, a gente percebia certas resistências na escola, com os diretores, coordenadores. Mas, com o tempo, as escolas vão começando a perceber que têm ganhos. Vão percebendo os ganhos com a ida da universidade, dos estagiários. Ter um estagiário para poder dialogar é também um apoio, de trabalhar essa questão de identidade profissional, falar sobre si, sobre o seu trabalho de professor como alguém de fora. Falar sobre si é um processo crítico reflexivo sem esse compromisso de estar sendo avaliado ou julgado. A gente sente que as avaliações entre pares estão afligindo os docentes, principalmente nas PEI, ter um espaço aberto na escola para falar o que sente, as inseguranças, e sair do âmbito pessoal (culpabilização, dos meus índices, da minha sala, da minha turma) e ir para uma dimensão profissional (a partir dos indicadores, das evidências, não só para a escola, mas vendo o componente em relação à rede).

(Isadora Valencise Gregolin)

3. Canais de comunicação claros e abertos entre DE <> IES <> Escola

Algo que se nota que faz muita diferença na articulação e no engajamento dos atores da iniciativa é a presença de canais de comunicação, tanto os institucionalizados (e-mail do estágio e a própria sede da Diretoria de Ensino) quanto os informais (especialmente o WhatsApp). Para a inscrição dos estagiários nas escolas, o caminho é claro e descrito no site da Diretoria: enviar e-mail com a documentação do estágio, indicar a disciplina/componente curricular que o estagiário irá cursar e as duas opções de escola pelas quais ele tem interesse. Qualquer dúvida referente a processo de inscrição no estágio das escolas estaduais, documentação obrigatória do estágio, distribuição dos estagiários ou qualquer outro assunto referente a isso, o público geral pode utilizar o e-mail institucional estagio.desaocarlos@gmail.com, ou mesmo ir presencialmente até a Diretoria de Ensino. Já o WhatsApp acabou se tornando uma ponte de comunicação eficiente para assuntos simples e mais corriqueiros que podem surgir durante o estágio. As supervisoras de ensino da DE que estão envolvidas no estágio, e até mesmo a dirigente, fortalecem a relação com a IES e com a equipe gestora das escolas através do WhatsApp, principalmente para assuntos que demandam menos formalidade e que podem ser resolvidos rapidamente utilizando esse aplicativo de mensagens instantâneas. Veja os relatos das professoras supervisoras de estágio da UFSCar e da USP a respeito das formas de comunicação:

A gente tem muito contato pelo WhatsApp com a Sônia. Manda WhatsApp, manda e-mail, para resolver. É parceria colaborativa mesmo. Eu sinto muita diferença. A relação é bem próxima. Se a gente precisa de alguma coisa, se

quer trocar uma ideia, a gente não se sente intimidada, a gente consegue dialogar e tem total liberdade para fazer os apontamentos e as sugestões. [...] Com outras secretarias e diretorias, é um pouco mais difícil, é um trabalho de anos para ganhar a confiança. Os dirigentes mudam muito, você acaba nem conhecendo.

(Isadora Valencise Gregolin)

Geralmente a gente tem uma reunião inicial semestral, mas a cada semestre a DE faz uma reunião chamando as universidades. Durante a pandemia, eles conversavam online e mais em separado. Passavam as orientações, os recursos da Seduc que os estagiários podem acessar, com os coordenadores de estágio das IES, e depois tinha também uma reunião com os estagiários sobre os recursos e para orientação sobre funcionamento das escolas.

(Edna Maura Zuffi)

3.6 Desafios da iniciativa e próximos passos

Como qualquer projeto, a iniciativa do estágio supervisionado na DE possui desafios e limitações. Dentre os pontos a avançar do projeto, selecionamos os que foram citados mais de uma vez por diferentes atores entrevistados e outros pontos para reflexão analisados pela própria autora. Além disso, alguns dos desafios que serão evidenciados aqui não necessariamente são da alçada da Diretoria de Ensino ou de outros atores do projeto, contudo valem ser destacados pois impactam as escolas da Diretoria de Ensino de São Carlos.

Um primeiro desafio que já foi abordado ao longo do presente documento é a dificuldade de uma distribuição mais equitativa dos estagiários entre as escolas que aderiram ao programa. A maioria dos licenciandos ainda prioriza na inscrição escolas localizadas no centro da cidade, o que gera uma concentração de estagiários nas escolas centrais, que normalmente são as que têm mais recursos, enquanto as periféricas acabam ficando com um número bem menor de estagiários ou até mesmo sem nenhum. Isso acaba gerando uma desigualdade de recursos, uma vez que o estagiário, nesse novo paradigma de estágio, enriquece e apoia o trabalho pedagógico da escola.

Inúmeras ideias vêm sendo discutidas internamente na DE sobre o assunto. Ao mesmo tempo que são priorizadas as opções de escola elencadas na inscrição dos estagiários, a DE também tem a preocupação de tentar distribuí-los de maneira mais equilibrada entre as escolas. A criação de mais critérios para uma distribuição mais equitativa dos estagiários (por exemplo, número máximo de estagiários por escola) poderia favorecer as escolas periféricas, porém desengajar os licenciandos, pois cercearia a liberdade de escolha.

Discute-se também a possibilidade de se criar um “cardápio” das escolas que fizeram adesão ao programa e disponibilizá-lo online para que os licenciandos tenham conhecimento das escolas que

eles podem escolher para o estágio. Nesse cardápio, cada escola teria um pequeno perfil contando sobre sua missão, seus índices de aprendizagem, seus desafios e projetos, além das informações **práticas** como endereço, número de alunos, número de turmas, quadro de professores etc. Dessa forma, os estagiários podem se conectar com as instituições pelo seu perfil e não somente por aspectos como a localização. Em seus próximos passos, a DE poderia aprofundar essas ideias e discutir ações para uma melhor divulgação da lista de escolas que aderiram ao estágio.

Outro desafio que foi observado durante as entrevistas, especialmente durante as conversas com os atores da Diretoria de Ensino, é em relação à frequente mudança de coordenadores pedagógicos nas escolas, dificultando a perenidade da visão de estágio nas escolas da DE. Esse contexto também exige da DE que a formação para coordenadores pedagógicos aconteça semestralmente, já que mudanças no quadro da equipe de gestão da escola são frequentes, e as ideias precisam sempre ser revisitadas.

Ainda sobre a formação do estágio supervisionado, outro desafio observado nas entrevistas é a relação de contato entre a DE e os professores das escolas. É factível reunir todos os coordenadores pedagógicos das escolas, a DE tem poder de convocação para tanto. Contudo, é muito complexo encontrar um horário em que todos os professores possam parar suas atividades na escola para uma formação sobre estágio. Nesse contexto, a ideia é que os coordenadores pedagógicos repassem e compartilhem a formação que receberam sobre estágio com os professores da sua escola, normalmente no momento de horário atividade do professor, nomeado na rede estadual de São Paulo de Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC).

A visão do estágio supervisionado na perspectiva de trabalho integrado entre escola, DE e universidades é evidente segundo as entrevistas. Parece ser ponto pacífico que o estagiário é um parceiro da escola e que deve assumir um papel mais proativo do que passivo e observador. Não obstante, é possível observar, a partir das entrevistas com os estagiários, que ainda há espaço para ajustes e melhorias nessa relação. Seria interessante fortalecer o papel do professor regente como formador do futuro professor, por exemplo, oferecendo materiais de apoio para formação do futuro docente e ferramentas que o professor pode usar no dia a dia com o estagiário. Seria muito benéfico se a DE incentivasse momentos institucionalizados de *feedback* do professor regente com o licenciando ao longo do período do estágio. Nesse sentido, a DE poderia ofertar guias ou materiais de apoio sobre como o professor regente conduziria o *feedback* com o estagiário, sugerindo a periodicidade dos momentos de *feedback* e os pontos a serem observados, sempre alinhados aos saberes e competências específicos e necessários para a docência.

Na visão da dirigente Débora, o maior desafio do estágio supervisionado hoje é que as quatrocentas horas previstas na legislação para o estágio não são suficientes. Na visão dela, há muito mais para o licenciando aprender e fazer do que somente o que ele faz atualmente. Ela menciona alguns exemplos do que mais horas de estágio poderiam agregar: pequenos cursos de temáticas distintas de interesse dos estudantes, ajudar no reforço e na recuperação escolar, trabalho com grupos produtivos, auxílio ao professor no planejamento dos grupos produtivos e apoio à educação especial. Ela conclui: “*Tem muita coisa pra fazer, e uma pessoa só na sala de aula não dá*”.

Outro aspecto que é um desafio para a DE, mas que não está diretamente relacionado com as ações da iniciativa, é o aumento gradativo e evidente do desinteresse pela profissão docente. Esse aspecto foi ressaltado em entrevistas não só com atores da DE, mas também com os professores de estágio, que informam que, a cada ano, mais cursos de licenciaturas fecham. A dirigente Débora e a professora de estágio do Unicep observam:

Estamos em campanha, nós precisamos aumentar o número de professores inscritos, principalmente em arte, história, geografia.

(Débora Blanco)

Na verdade, nós estamos com um problema sério, não só aqui no Unicep, mas na USP e na UFSCar também, com relação à licenciatura: cada vez menos alunos, cada vez mais fechando licenciaturas. Eu não sei o que será da profissão de professor daqui a alguns anos. Aqui no Unicep a gente não abriu mais turmas em 2020 e 2021 para pedagogia.

(Ana Claudia Rebolho)

Em entrevista, atores da DE afirmam que já chegaram a disparar e-mails para antigos estagiários informando sobre vagas abertas em modalidade de “cadastro emergencial”, e que a medida é efetiva, muitos se inscrevem, o que confirma que o canal de comunicação pelo e-mail institucional do estágio é um recurso poderoso para outras ações.

Nós tivemos um volume enorme de inscritos. O banco de dados, nós exploramos ao máximo, precisamos deles, e eles precisam de emprego.

(Sônia Mercedes Antunes Silva)

Um aspecto interessante de ser destacado a respeito da diminuição do interesse pela profissão docente em algumas licenciaturas foi detectado a partir do acompanhamento e controle dos estagiários nas escolas estaduais de São Carlos. A DE foi capaz de mapear quais opções de cursos seriam mais interessantes de abrir, uma vez observados os componentes curriculares com poucos estagiários. Bruno, professor especialista em currículo na Diretoria de Ensino, afirma:

A gente tem conversado com algumas universidades sobre quais opções de cursos são viáveis de abrir na região, dado o número de estagiários que a gente recebe. São poucos estagiários da parte de humanas, pouquíssimos de história, geografia [...], alguns pontos a gente vê que são fragilidades, e quando a gente olha pros dados de atribuição de aula vê que está faltando professor disso também, isso casa com a nossa realidade. [...] A gente tem um levantamento por curso, a gente sabe quantos cursos tem e quais cursos tem atuando na rede. Então a gente consegue dizer ‘olha, há déficit nessa área aqui’, conversando com a Univesp a gente falou pra eles ‘isso e isso aqui têm

espaço para crescer’, e daí eles ‘nossa, muito bom saber disso’, e começaram a perceber que era um bom indicador de quais licenciaturas abrir, por exemplo, não convém abrir mais vagas para curso de matemática, física, química na região. Agora, geografia e história, sim, a gente precisa crescer nessa área.

(Bruno Turci)

Em relação ao contato entre as instituições de ensino superior e as escolas, também há aspectos que podem avançar. A participação do professor supervisor de estágio da IES com as escolas que os estagiários estão realizando o estágio costuma ser baixa. Mas eventualmente acontece o contato direto entre o professor da IES e os professores das escolas, em geral nos casos em que há projetos já estabelecidos entre IES e escola, por exemplo nos programas federais Pibid e Residência Pedagógica. É um desafio complexo, sobretudo por envolver gestão de tempo dos professores regentes e dos professores supervisores de estágio na DE. Não obstante, há casos interessantes de envolvimento entre IES e escola que valem o destaque, como o da professora supervisora de estágio Isadora Valencise Gregolin:

A gente tenta fazer com que o estagiário participe de todas as etapas, ATPC¹⁸, às vezes os professores da IES até participam junto da ATPC. Quando é o momento de planejamento da escola, a gente busca olhar também os gráficos das escolas, isso é muito importante para nós, da universidade, a gente gosta de entender as escolas, os contextos, as habilidades com maior defasagem em português para fazer um planejamento colaborativo. Para a universidade, é muito importante olhar quais são as necessidades da escola e como é o currículo.

Programas federais como Pibid e Residência Pedagógica buscam aproximar IES e escola. Além disso, com o valor da bolsa destinada ao professor regente e ao professor da IES, a relação entre IES e escola é muito mais orgânica e parte das expectativas do programa. Em relação a esses pontos, Bruno Turci, da Diretoria de Ensino, afirma:

A gente tem aqui várias instituições de ensino superior. Fora os professores do Pibid e das Residências Pedagógicas, que são bolsistas e têm uma carga horária e dedicação maior, é difícil esse professor da IES se colocar disponível para fazer essa discussão. [...] É difícil eu chegar para uma professora da IES e falar para ela ir lá na escola se envolver com o estágio. No Pibid e na Residência, essa relação é mais estreita. A gente conseguia fazer trabalhos mais significativos, não tinha o estagiário fazendo a ponte, era junto escola e

¹⁸ ATPC é a sigla utilizada para o termo Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo. Esse é o momento coletivo de estudo e formação continuada dos professores realizados na escola, em outros locais também chamado de hora-atividade.

IES. [...] Muitos cursos também são EaD, às vezes eles nem têm um professor específico, eles têm um tutor, o que torna ainda mais frágil essa relação IES-escola. Se a gente conseguir aproximar professor regente, coordenador pedagógico e professor supervisor da IES, aí seria um estágio que teria um ganho muito maior.

Outro aspecto observado pela equipe da Diretoria de Ensino que ainda tem espaço para avançar é em relação ao uso de dados advindos dos questionários de avaliação do estágio, principalmente os retornos dos estagiários sobre sua experiência. Por um lado, o engajamento nas respostas ainda deixa a desejar, gerando assim uma baixa quantidade de informações a serem analisadas e transformadas em melhorias concretas para o processo. Por outro, mesmo com as informações que recebe por meio dos questionários, a Diretoria concorda que eles podem ser melhorados, com perguntas mais assertivas e inteligentes, de forma a contribuir para um aprimoramento contínuo do programa de estágio na DE.

Por fim, cabe ressaltar os desafios referentes à própria dinâmica do sistema estadual e da rotina da escola e como isso impacta a experiência de aprendizagem do estagiário. Em entrevistas, foram mencionadas certa inflexibilidade na rotina das escolas devido às diretrizes da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo e mudanças abruptas no planejamento escolar que podem prejudicar a execução do estágio. Um exemplo observado pela professora supervisora de estágio na USP é quando o licenciando faz o planejamento da regência, combina os dias com o professor da escola, mas surgem interferências inesperadas e não planejadas na rotina escolar (palestras, formações, projetos, programas, avaliações) que acabam modificando a regência, reduzindo seu tempo ou impossibilitando que ela aconteça com tempo suficiente antes de o semestre acabar. Contudo, a professora ressalta: “A gente tenta respeitar muito o que o professor prefere e permite, se ele muda de ideia, a gente deve se readaptar”.

4. Conclusão



Diante dos dados coletados a partir da pesquisa qualitativa, pode-se concluir que a iniciativa do estágio na Diretoria de Ensino de São Carlos é uma inspiração para outras regionais de ensino, redes municipais e estaduais que desejam fortalecer a formação de seus futuros professores. A normatização dos processos do estágio supervisionado possibilitou introduzir uma nova forma de pensar a formação dos futuros docentes da rede e aproximou escola e universidade.

Dentre as inúmeras boas práticas relatadas nesta pesquisa, apenas uma delas caberia ser destacada nesta seção: o comprometimento e a seriedade da equipe dos servidores da Diretoria de Ensino em relação a uma educação de qualidade são admiráveis, sendo provavelmente um dos aspectos-chave para que esta iniciativa continue existindo e constantemente se renovando. Ainda, o alinhamento de valores e visão dos atores da DE em relação ao estágio é nítido, o que também contribui para que a iniciativa se fortaleça. A criatividade dos servidores em reinventar estratégias e avaliar as ações é um ponto forte da equipe. Além disso, o fato de a DE ter a mesma dirigente nos últimos dezoito anos possivelmente ajuda no acúmulo de experiências, na articulação e na construção de relacionamentos sólidos com os atores da IES e a escola. É o mesmo caso em relação a ter servidores de alta capacitação técnica, que provavelmente influenciam o sucesso da iniciativa.

Ainda cabe ressaltar que o uso de quaisquer boas práticas compartilhadas neste documento precisa ser cuidadosamente analisado e adaptado de acordo com o contexto, especialmente nos casos de tornar a iniciativa escalável. O número de 46 escolas para acompanhar é relativamente baixo se comparado com outras regionais ou redes de ensino maiores que desejam estruturar e normatizar seus processos de estágio.

Por outro lado, a iniciativa do estágio supervisionado na DE de São Carlos nos ensina muito sobre os limites e responsabilidades de cada ator. A descentralização de algumas partes do processo, como as decisões sobre qual professor regente será responsável pelo aluno ou como devem ser os planos de estágio de cada estagiário, cabe às escolas, e a DE confia e as responsabiliza por essas escolhas. Não caberia, portanto, uma regional ou rede de ensino controlar esse tipo de decisão, pois demandaria mais trabalho, mais controle, provavelmente burocratizando o processo e passando a mensagem de que a escola não é capaz de fazer as escolhas certas nessas questões.

Cabe também ressaltar que, como qualquer pesquisa de campo, esta tem suas limitações. Devido a restrições de tempo, não foi possível entrevistar uma vasta diversidade de atores para colher um número de informações maior e então tirar conclusões que não generalizassem. Contudo, o intuito deste documento era justamente traçar um panorama das principais ações, processos e etapas da iniciativa do estágio de forma a trazer informações suficientes para suscitar a curiosidade e engajar outras regionais e redes de ensino que almejem seguir o mesmo caminho.

Com isso, espera-se que esta pesquisa também apoie a própria Diretoria de Ensino de São Carlos na consolidação do seu processo de formulação de políticas públicas e que possa servir de insumo para as contínuas evolução e transformação da iniciativa.

5. Referências



BORN, Barbara; HAUSS, Márcia. “Conceitual e modelo de prática pedagógica”. Documento não publicado, 2022.

DIRETORIA DE ENSINO DE SÃO CARLOS. “Estágio supervisionado numa perspectiva de trabalho integrado escola-DE-universidades”, 2022.

FABRÍCIO, Tércio Minto. *A cidade educadora e o enfoque CTS: Articulações possíveis a partir dos professores de ciências em formação*. São Carlos, 2016. Tese (Doutorado em Educação) — PPGE, CECH, UFSCar.

GATTI, Bernardete A. “A formação inicial de professores para a educação básica: As licenciaturas”. *Revista USP*, São Paulo, n. 100, p. 33-46, 2013-2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/76164/79909>. Acesso em: 20 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). “Cidades e estados: São Carlos”, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-carlos.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

INSTITUTO PENÍNSULA; PROFISSÃO DOCENTE (orgs.). *O papel da prática na formação inicial de professores*. Coord. Catarina Segatto e Paula Louzano. São Paulo: Moderna, 2019. Disponível em: https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/09/professores_completo.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

PIRES, Giselle de Souza Paula; CASSIANI, Suzani. “O papel do professor da escola na formação do futuro docente de ciências: Um discurso no silêncio”. *Entrever*, v. 1, p. 182-97, 2011.

QEDU. Censo escolar da cidade de São Carlos, [s.d.]. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/municipio/3548906-sao-carlos/censo-escolar>. Acesso em: 10 jun. 2022.

QEDU. Ideb da cidade de Corumbataí, 2021a. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3512704-corumbatai/ideb>. Acesso em: 20 ago. 2022.

QEDU. Ideb da cidade de Dourado, 2021b. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3514304-dourado/ideb>. Acesso em: 20 ago. 2022.

QEDU. Ideb da cidade de Ibaté, 2021c. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3519303-ibate/ideb>. Acesso em: 20 ago. 2022.

QEDU. Ideb da cidade de Itirapina, 2021d. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3523602-itirapina/ideb>. Acesso em: 20 ago. 2022.

QEDU. Ideb da cidade de Ribeirão Bonito, 2021e. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/municipio/3542909-ribeirao-bonito/ideb>. Acesso em: 20 ago. 2022.

QEDU. Ideb da cidade de São Carlos, 2021f. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/municipio/3548906-sao-carlos/ideb>. Acesso em: 10 jun. 2022.

QEDU. Ideb do estado de São Paulo, 2021g. Disponível em: <http://cdn.novo.qedu.org.br/uf/35-sao-paulo/ideb>. Acesso em: 10 jun. 2022.

VIEIRA, Alexandre Bergmamin; ROMA, Cláudia Marques; MIYAZAKI, Vitor Koiti. “Cidades médias e pequenas: Uma leitura geográfica”. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 1, n. 29, p. 135-56, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7415>. Acesso em: 10 jun. 2022.



Há muitos caminhos para transformar a educação,
todos eles passam pelos professores!

Conheça mais sobre a nossa agenda
em profissaodocente.org.br.